

Neste número:
Criança
Concertar para consertar
Ser amado e amar
Profetismo desativado
Sexualidade, novo paradigma moral,
Humildade x orgulho
Educação e responsabilidade
A nova escravidão feminina
Judas Iscariotes:
Discípulo, amigo, traidor?
Juras de amor eterno
Não corra, não mate, não morra
Amar, verbo bitransitivo
Massacre
Algemas em ladrões de paletó
O suplício dos vestibulares
Receitas para brigar
Não fique tão sério
Mente aberta, mente fechada
A revolução da confiança
Três Reis
Calar a discórdia
significâncias II
Bruna e várias outras
Por que ensinar ética aos filhos
Vovô nem é tão velho
Viver é diferente de sobreviver
No caminho com Maiakovski
Uma idéia melhor
Urgente! O que é sexualidade?
Sonho

fato

e razão

63



O planeta azul pede socorro.
Ou mudamos ou morremos.

MFC - Movimento Familiar Cristão

Conversando com o leitor

Você já sabe, caro leitor, que Fato e Razão não é apenas uma revista como as centenas que se exibem das bancas de jornais.

É instrumento sempre atual de evangelização, conscientização social e formação de cristãos adultos na fé. Também um bom apoio a famílias na educação dos filhos e no amadurecimento permanente do relacionamento do casal.

Aos nossos leitores, pedimos que ofereçam assinaturas de Fato e Razão como presente ou conquistem novos assinantes. É simples. Basta telefonar ou enviar um e-mail ou carta

com nomes e endereços de novos assinantes, informando a data e valor do depósito bancário correspondente. Veja abaixo as instruções. Se preferir, envie cheque cruzado nominal ao MFC por carta à Livraria.

Assim, com essa valiosa colaboração de nossos amáveis leitores, Fato e Razão seguirá viva e saudável.

Contamos com você.
Helio e Selma Amorim

MFC - Distribuidora Fato e Razão

fatoerazao@gmail.com

fatoerazao@yahoo.com.br

Tel. (32) 3218-4239

Rua Barão de Santa Helena, 68 - Grambery - Centro
CEP 36010-520 - Juiz de Fora - MG

Depósito bancário:

BRADESCO Ag. 3176-3 Conta 414.420-1

MOVIMENTO FAMILIAR CRISTÃO

Preço da cada assinatura (4 números): R\$ 30,00

fato e razão

Movimento Familiar Cristão
www.mfc.org.br

Conselho Diretor Nacional

Mozart e Geralda (Didi) Carvalho
Luiz Martins dos Santos
José Américo e Maria Marlete Sá
Vando e Neuzemi Maria Oliveira
Francisco e Laura de Souza
Maria Sebastiana (Sebá) Leão

Editoria e Redação

Helio e Selma Amorim
R. Des. Saul Gusmão 80 - VIII
22641-280 Rio de Janeiro - RJ
E-mail: helioamorim@globocom

Assinaturas da Fato e Razão:

Rua Barão de Santa Helena, 68
Grambery - Centro - 36010-520
Juiz de Fora - MG
Tel.: (32) 3218-4239
fatoerazao@yahoo.com.br
fatoerazao@gmail.com

Livraria do MFC

Pedido de Publicações MFC:
Rua Barão de Santa Helena, 68
Grambery - Centro - 36010-520
Juiz de Fora - MG
Tel.: (32) 3218-4239
livrariamfc@yahoo.com.br
livraria.mfc@gmail.com

Fotolitos e impressão

Primyl Artes Gráficas
Rua S. João, 25 - slj
24020-040 Niterói - RJ
Tels. (21) 2722-3776 / 2621-5278
Fax (21) 2722-3777

Capa

As geleiras do Pólo Norte do planeta
Terra mostram efeitos ameaçadores
do aquecimento global.

Sumário

Ou mudamos ou morremos, 2

Leonardo Boff

O furacão, 5 Editorial

Nem praga nem chaga, 8

Helio e Selma Amorim

Violência que gera mais violências, 11

Luiz Alberto Gómez de Souza

A bênção da carne, 15 Dalton Barros

Carta ao meu banco, 18

O perdão e paz no casamento, 21

Deonira L. Viganó La Rosa

Violência contra a mulher, 26

A verdade, Pilatos, é... 27

Pedro Casaldáliga

A bela azul, 31 Rubem Alves

Pais presentes, pais ausentes, 33

Jorge La Rosa

Sociedade hedionda, 35

Cristovam Buarque

Nova Aurora, 37

Beatriz Reis

Tese de Guerdjev, 38

Não fique sério, 40

Ciúme, 45

Os chargistas, 47

Tão carinhoso, 49

Maria Clara Lucchetti Bingemer

Ética relativa, 52

Eutanásia, 53

Olinto A. Pegoraro

Falar bem contagia, 56

Por onde Deus caminha na América Latina? 57

Ivone Gebara

Consumo, logo existo, 61 Frei Betto

Saúde, 64

Um acerto de contas, 66

Guaicaipuro Cuatemoc

Sorria, faz bem, 69

Por detrás dos deuses, 71 Jung Mo Sung

Fatos e razões, 73

A melhor parceira, 75 Redação

Educação: finalmente um plano, 77

Humildade e orgulho, 78

Data desta edição: Maio 2007.

Ou mudamos ou morremos

Hoje vivemos uma crise dos fundamentos de nossa convivência pessoal, nacional e mundial. Se olharmos a Terra como um todo, percebemos que quase nada funciona a contento. A Terra está doente e muito doente. E como somos, enquanto humanos também Terra (homem vem de humus=terra fértil), nos sentimos todos, de certa forma, doentes. A percepção que temos é de que não podemos continuar nesse caminho, pois nos levará a um abismo. Fomos tão insensatos nas últimas gerações que construímos o princípio de auto-destruição.

Não é fantasia hollywoodiana.

Temos condições de destruir várias vezes a biosfera e impossibilitar o projeto planetário humano. Desta vez não haverá uma arca de Noé que salve a alguns e deixa perecer os demais. O destino da Terra e da humanidade coincidem: ou nos salvamos juntos ou sucumbimos juntos.

Agora viramos todos filósofos, pois, nos perguntamos entre estarecidos e perplexos: como chegamos a isso?

Como vamos sair desse impasse global? Que colaboração posso dar como pessoa individual?

Em primeiro lugar, há de se entender o eixo estruturador de nossas sociedades hoje mundializadas, principal responsável por esse curso perigoso. É o tipo de economia que inventamos. A economia é fundamental, pois, ela é responsável pela produção e reprodução de nossa vida. O tipo de economia vigente se monta sobre a troca competitiva. Tudo na sociedade e na economia se concentra na troca. A troca aqui é qualificada, é competitiva. Só o mais forte triunfa. Os outros ou se agregam como sócios subalternos ou desaparecem. O resultado desta lógica da competição de todos com todos é duplo: de um lado uma



As queimadas nas florestas parecem incontroláveis, movidas pela ânsia criminoso de lucros dos pastos e do agronegócio.

acumulação fantástica de benefícios em poucos grupos e de outro, uma exclusão fantástica da maioria das pessoas, dos grupos e das nações.

Atualmente, o grande crime da humanidade é o da exclusão social. Por todas as partes reina fome crônica, aumento das doenças antes erradicadas, depredação dos recursos limitados da natureza e um ambiente geral de violência, de opressão e de guerra. Mas reconheçamos: por séculos essa troca competitiva abrigava

a todos, bem ou mal, sob seu teto. Sua lógica agilizou todas as forças produtivas e criou mil facilidades para a existência humana. Mas hoje, as virtualidades deste tipo de economia estão se esgotando. A grande maioria dos países e das pessoas não cabem mais sob seu teto. São excluídos ou sócios menores e subalternos, como é o caso do Brasil. Agora esse tipo de economia da troca competitiva se mostra altamente destrutiva, onde quer que ela penetre e se imponha. Ela nos pode levar ao destino dos dinossauros.

Ou mudamos ou morremos, essa é a alternativa. Onde buscar o princípio articulador de uma outra sociabilidade, de um novo sonho para frente? Em momentos de crise total precisamos consultar a fonte originária de tudo, a natureza. Que ela nos ensina? Ela nos ensina, foi o que a ciência já há um século identificou, que a lei básica do universo, não é a competição que divide e exclui, mas a cooperação que soma e inclui. Todas as energias, todos os elementos, todos os seres vivos, desde as bactérias e vírus até os seres mais complexos, somos inter-retro-relacionados e, por isso, interdependentes. Uma teia de conexões nos envolve por todos os lados, fazendo-nos seres cooperativos e solidários. Quer queiramos ou não, pois essa é a lei do universo. Por causa desta teia chegamos até aqui e poderemos ter futuro.

Aqui se encontra a saída para um novo sonho civilizatório e para um futuro para as nossas sociedades: fazemos desta lei da natureza, conscientemente, um projeto pessoal e coletivo, sermos seres cooperativos. Ao invés de troca competitiva onde só um ganha devemos fortalecer a troca complementar e cooperativa, onde todos ganham. Importa assumir, com

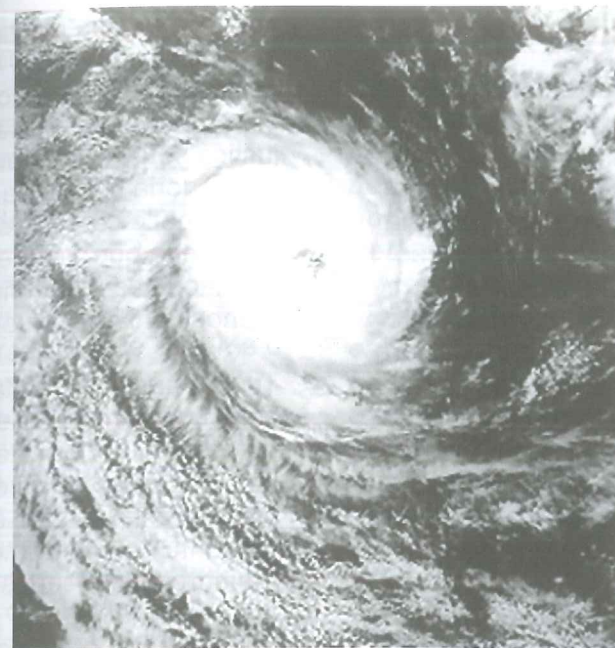
absoluta seriedade, o princípio do prêmio de economia John Nash, cuja mente brilhante foi celebrada por um não menos brilhante filme: o princípio ganha-ganha, onde todos saem beneficiados sem haver perdedores.

Para conviver humanamente inventamos a economia, a política, a cultura, a ética e a religião. Mas nos últimos séculos o fizemos sob a inspiração da competição que gera o individualismo. Esse tempo acabou. Agora temos que inaugurar a inspiração da cooperação que gera a comunidade e a participação de todos em tudo o que interessa a todos. Tais teses e pensamentos se encontram detalhados nesse brilhante livro de Maurício Abdalla, O princípio da cooperação. Em busca de uma nova racionalidade.

Se não fizermos essa conversão, preparemo-nos para o pior. Urge começar com as revoluções moleculares. Começemos por nós mesmos, sendo seres cooperativos, solidários, compassivos, simplesmente humanos. Com isso definimos a direção certa. Nela há esperança e vida para nós e para a Terra.

** Teólogo. Membro da Comissão da Carta da Terra*

O FURACÃO



Editorial

Novas operações espetaculares da Polícia Federal: inteligência e recursos técnicos produzem resultados fantásticos, enchendo as prisões de togas, colarinhos brancos, policiais corruptos e bicheiros de alta estirpe.

Merece destaque a Operação Furacão. Parece ter havido algum vazamento. Mudou de nome, para despistar: passou a ser Hurricane, que é mesmo furacão com roupa inglesa. Foi em frente, mobilizando um

grande contingente de policiais e enorme frota de carros alugados em outros estados, para que não desconfiassem de tal mobilização nas cidades onde vivem os bandidos.

Na madrugada as dezenas de prisões, apreensões de carros de luxo, dinheiro em quantidade, duas toneladas de documentos, computadores e seus segredos, em suma, uma devastação. Um desembargador foi preso ao desembarcar no Galeão de um voo de Madrid. Outros membros da máfia foram surpreendidos na cama, dormindo o sono dos inocentes, como o afirmavam, em uníssono, as dezenas de advogados, em fila

constrangedora, para tentar falar com os seus clientes prisioneiros. "São inocentes!" Há poucos meses, denunciávamos que a liberação instantânea de 900 máquinas caça-níqueis apreendidas na véspera, em outra operação da PF, só podia explicar-se como uma transação comercial, só não sabíamos quanto custara. Agora sabemos. Uma gravação de escuta telefônica nesta Operação Hurricane revelou o preço: 1 milhão. O intermediário da venda, irmão do juiz autor da sentença, é um dos presos.

É quase certo que, em poucos dias, o batalhão de advogados do bando devolverá seus clientes à rua e aos seus negócios que englobam homicídios, lavagem de dinheiro, venda de sentenças, exploração de jogo e prostituição, uma lista interminável de crimes com formação de quadrilha. A prisão preventiva é de apenas cinco dias, prorrogáveis por mais cinco, o que explica o sorriso do banqueiro-mor, algemado, diante das câmeras.

Nos dias seguintes, outra surpresa: apreendidas 7 mil máquinas importadas de caça-níqueis, jogo proibido, mas que passaram tranqüilamente pelas fronteiras desguarnecidas do

nosso imenso território. A PF acabou descobrindo. Os galpões estão lacrados e espera-se uma decisão da justiça sobre o destino dessa mercadoria milionária. Permanece o risco de sentença comprada que mande devolver as máquinas aos donos. Pelo menos, já sabemos o preço.

Tudo o que aqui relatamos já é conhecido amplamente, com todos os detalhes que a mídia nos mostra todos os dias. O que se quer é ressaltar o amplo e vergonhoso envolvimento de membros destacados do Poder Judiciário, juízes e desembargadores, nessas organizações dedicadas ao crime, com amplo leque de variantes, estrutura empresarial complexa, portanto de enorme perigo para a população. Inclui o setor de extermínio para eliminar testemunhas, retirar de cena quem sabe das coisas.

Provavelmente testemunharemos, nos próximos meses, mortes misteriosas no programa de "queima-de-arquivos" talvez já pronto para execução. A PF oferece prêmio por delação, com proteção policial a testemunhas que abram a boca. E anuncia que a operação não terminou: há ainda mais de 100 policiais, magistrados e empresários sob

investigação e novos mandados de prisão poderão ser expedidos a qualquer momento. Há muita gente sem sono nas madrugadas destes dias.

Reforma do Judiciário

É hora, portanto, de uma reforma judiciária ampla, profunda, radical, que suprima o poder de emitir sentenças liminares que justifiquem a cobrança de tal serviço por criminosos de alto poder econômico, para os quais nada custa pagar alguns milhões para responder em liberdade a processos que levarão muitos anos para serem julgados. Ou para recuperar mercadorias ilegais de elevado valor, apreendidas como contrabando ou instrumentos de contravenção.

O Secretário Nacional de Justiça, Antonio Carlos Biscaia, já propôs prioridade para essa reforma em seu primeiro pronunciamento nesse cargo maior. Cabe à população e especialmente ao Poder Legislativo manifestar-lhe apoio e promover-se forte mobilização para que avance essa tarefa legislativa que o Poder Executivo pode motivar e conduzir.

Os êxitos das operações da PF não podem fracassar pelos furos do sistema processual-judicial que se tem mostrado impressionantemente vulnerável à corrupção, com seus balcões de vendas de sentenças, reveladas a cada momento.

No século passado, um turista norte-americano foi à cidade do Cairo, no Egito, com o objetivo de visitar um famoso sábio.

O turista ficou surpreso ao ver que o sábio morava num quatinho muito simples e cheio de livros.

As únicas peças de mobília eram uma cama, uma mesa e um banco. Onde estão seus móveis? - perguntou o turista.

E o sábio, bem depressa, perguntou também:

E onde estão os seus...?

Os meus? - surpreendeu-se o turista - Mas eu estou aqui só de passagem!

Eu também... - disse o sábio.

Nem praga nem chaga

Hélio e Selma Amorim *

A união conjugal: sacramento divino?

O casamento pode ser um sacramento. Para isso há uma matéria prima indispensável: o amor entre um homem e uma mulher que tomam o amor de Deus por nós como modelo para o seu amor.

Os que assim se unem conhecem como o Deus da Bíblia nos ama: amor gratuito e fiel, amor-doação-serviço comprometido com a humanização do outro, que respeita a nossa originalidade, e aceita as nossas limitações, que não domina, antes liberta, que não manipula e sufoca, antes promove e nos ajuda a caminhar, um amor capaz de levar a dar a vida por nós (o que não é simples hipótese romântica, mas morte real e de cruz).

Então o casal percebe que a sua união, fundada no amor, é um sinal ou reflexo ainda que pouco luminoso do amor de Deus. Estão dispostos a viver esse

amor numa profunda relação inter-pessoal, dialogal, de revelação mútua, cada um comprometido com a realização das potencialidades do outro, e que tudo isto se expresse em atos concretos e gestos simbólicos. Nunca fechados em si mesmos, mas abertos ao mundo e comprometidos com a justiça e a humanização da história humana, nela intervindo, em favor nos mais fracos. Estão prontos, então, a proclamar que a sua união é um *sacramento divino*.

Para isso, convidarão a comunidade cristã, seus parentes e amigos, aos quais anunciarão a sua união e pedirão apoio para vivê-la nessa dimensão sacramental. Esse é o sentido da celebração religiosa do casamento que inaugura uma nova família cristã. O sacerdote que, em nome da comunidade preside a celebração, reconhece, então, que essa união é um sacramento divino, cujos ministros são, na verdade, os que se casam. Porque, de

fato, somente eles são capazes de reconhecer e assumir a sua união nessa dimensão sacramental.

É certo que muitos, talvez a maioria dos casamentos que se celebram nas igrejas, não são sacramento, nada obstante a bela coreografia montada, com música, flores e tapetes.



Não passam de um ato social, enraizado na nossa cultura, mas nada tendo a ver com a fé, sem referência consciente ao amor de Deus tomado como modelo de sua união, com os compromissos dele decorrentes.

Por outro lado, há **graus de sacramentalidade** matrimonial. A dimensão sacramental decorre da qualidade e profundidade do amor que une o casal: quanto mais se amam, mais se assemelhará o seu amor ao amor de Deus, portanto, mais densa e real será a sua sacramentalidade. Na vivência

do casal, ao longo de sua vida conjugal, haverá tempos de maior e tempos ou momentos de menor densidade sacramental.

Essa concepção representa um desafio evidente. Quer dizer que o sacramento não é um selo de garantia ou marca indelével e definitiva gravada numa celebração religiosa. Aquele não foi um ato mágico, que transformou em sacramento o que antes não era. Na verdade, a sacramentalidade nasce no momento em que os dois reconhecem a semelhança do seu amor com o amor de Deus e o assumem como tal. A celebração foi o anúncio e o pacto estabelecido com a comunidade cristã.

Tampouco ficou definido, naquele momento, o grau definitivo de sacramentalidade da sua união. Talvez fosse apenas incipiente e ainda débil essa dimensão sacramental, diante do imenso potencial de crescimento e amadurecimento do amor dos dois.

Esse é o desafio: a sacramentalidade da união conjugal é chamada a crescer, consolidar e aprofundar-se. Ou seja, o amor que os uniu terá que ser cultivado cuidadosamente, no dia-a-dia da vida conjugal e familiar para que cada vez mais se pareça com o amor de Deus.

Assim, todos os gestos e ações que contribuem para o crescimento do amor, acrescentarão mais densidade sacramental à união conjugal. O carinho e gestos de ternura, o relacionamento sexual como expressão e celebração festiva do amor, a ajuda mútua, o reconhecimento das qualidades do outro, o incentivo à sua realização pessoal, o respeito à individualidade - tudo contribuirá para o crescimento do amor e, portanto, para a crescente densidade sacramental da união conjugal.

Mas vice-versa: a falta desses alimentos pode esvaziar o amor e portanto a sacramentalidade da união dos dois, ainda que no princípio tenha sido assim assumida e proclamada numa cerimônia religiosa. Muitas vezes ela resultará irremediavelmente extinta. O amor talvez imaturo pode se transformar em desprezo e ódio. A união deixa de ser símbolo, sacramento do amor de Deus.

Muitos que fracassaram numa primeira união, reconstruíram sua vida conjugal em novo casamento. Esta nova união pode ter sido assumida em estágio superior de maturidade humana e estar sendo

vivenciada com as características e valores que, numa perspectiva de fé, igualmente presente na vida do casal, a fazem símbolo e sinal do amor de Deus. Aos que assim a vivem, cabe reconhecer a sua sacramentalidade, assumi-la como tal e proclamá-la. Não serão normas legais ou eclesiais que definirão a natureza transcendente e a dimensão sacramental possivelmente presente em sua união, talvez até mesmo mais densa que na união fracassada. Somente os dois atores que a vivenciam podem saber. O resto é puro legalismo anacrônico de papéis e livros burocráticos das sacristias.

Por isso, a segunda união não é praga nem chaga, e é descabido excluir os recasados da vida sacramental plena, em comunhão com o Povo de Deus de que são parte, se sinceramente, numa perspectiva de fé madura, vivem o amor conjugal tomando como modelo o amor de Deus.

*Membros do MFC e editores da Revista "Fato & Razão" do Movimento Familiar Cristão - MFC



A violência que gera mais violências.

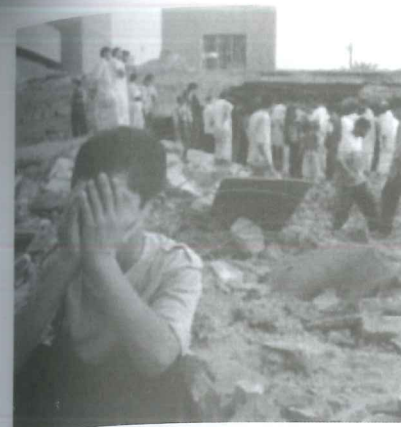
Luiz Alberto Gómez de Souza*

A violência nos acompanha no cotidiano, nas ruas de Bagdá, na faixa de Gaza, no sul do Sudão, nos atiradores em escolas e bares dos Estados Unidos ou na fronteira deste país com o México, em São Paulo e no Rio. Mas de repente há um fato que incendeia. Lembro daqueles jovens de classe média que queimaram um índio para divertir-se. Ou a chacina da Candelária. Só que para muitos soou distante, nos abismos de classe que separam a sociedade. Se o século XX foi um tempo de guerras e de extermínios o genocídio na Armênia, passando pelo holocausto de judeus, para chegar a Ruanda ou a Darkur - este que começa tem a violência diária e espalhada, difusa e ubíqua, que os noticiários anunciam a cada dia, como as previsões da meteorologia ou o resultado das bolsas de valores.

E agora tivemos o fato hediondo de uma criança arrastada por quilômetros, presa a um automóvel dirigido por jovens apenas alguns anos mais velhos e de uma frieza arrepiante. Porém, o que quero expressar aqui, é minha indignação ao ver como meios de comunicação repetem sem parar, com conotações subliminares, o caso já em si terrível, do menino branco morto por jovens mestiços. Em lugar da apresentação reflexiva de uma realidade dura e absurda, é o transbordamento de uma emoção nas raias do irracional, que vai criando ocasião para reabrir o dossiê da pena de morte ou trazer a tentação dos linchamentos. Temo

que um dia destes, na praia, um menino negro, acusado de roubar as sandálias ou a bicicleta de outro menino, seja massacrado por uma multidão ensandecida. Uma violência incita outras violências iguais ou piores, perdendo-se o momento de refletir sobre a loucura dos fatos. Em nome da emoção, se removem e se repetem ao cansaço sentimentos destrutivos.

A condenação irrefletida da violência é caldo de cultivo para outras violências. Quando sairemos deste círculo vicioso doentio? Lemos uma manchete de jornal: "o que fazer com eles?" Uma resposta vem do que há de mais negativo e orientado para a morte, um thanatos que aflora. Os jovens que produziram este feito de horror poderão ser logo mortos na prisão ou numa transferência de carceragem, num clima de mais horror ainda, tão gratuito e absurdo como aquele que pode ter dado origem a este. Há que lembrar que crianças e jovens de todas as idades morrem a cada dia, vítimas de balas perdidas ou em guerras de gangues e de grupos policiais. Mas frente a um caso específico a sociedade, açulada por amplos setores da mídia, se arma de rancores. A família do menino, com grandeza em sua dor imensa, não pede vingança, mas justiça. E terá dificuldade em superar, sem solidariedades e compreensão, um complexo culposos de não ter conseguido libertar o menino do cinto de segurança, num conjunto de fatalidades, aliadas à



insensibilidade espantosa de jovens frios e insanos.

Cartas de leitores que invadem as redações passam dos limites da indignação, para o incitamento da violência como resposta. Assim como o contra-terrorismo de Bush e de seu governo é irmão siamês da Al Qaeda, vemos brotar em tantas mentes uma violência represada e latente. Outros querem responder por leis mais duras, ou pelo rebaixamento da idade de responsabilidade criminal, como se isso resolvesse o que tem raízes muito mais profundas. Mauro Santayana, como sempre, foi certo na análise, ao mostrar como se constrói um criminoso.

Como parar esse jorrar repetitivo, disfarçado de piedade, e pedir um mínimo de sanidade na reflexão? Há que denunciar, além disso, o sensacionalismo doentio de meios de comunicação que destilam truculência nos jogos e nos seriados infantis japoneses, nos programas

policiais do fim da tarde e, agora, naquela cena de interessante minissérie, mas pingando sadismo e horror, ao mostrar uma criança linda e sorridente devorada por uma onça. Glória Perez já não sofreu na carne a dor, para não ter um mínimo de pudor? Ou será infeliz iniciativa da direção?

A cidadania tem de se levantar e dizer, enfim, uma palavra sensata de paz e de fraternidade. Não basta repetir frases vagas como, "o problema é a educação", ou, "o problema é a má distribuição de renda, a miséria e a exclusão". As duas coisas são verdadeiras se formuladas no concreto, abertas a práticas libertadoras. Mas não se pode esperar a transformação das estruturas ou a plena educação antes de agir. Os "hooligans" tiveram possivelmente escola e muitos podem ser filhos de pais ricos, ingleses da gema e não imigrantes; também há assaltantes e assassinos da zona sul do Rio, em busca de dinheiro para drogar-se, ou simplesmente para divertir-se no sadismo.

Entretanto, já há respostas. Muitos trabalhos com jovens nas favelas e periferias - o Ceasm, na Maré e tantos outros abrem caminhos criativos. Um pombo correio da droga pode ser irmão de outro que faz parte de um grupo de dança ou de teatro juvenil. Através de estereótipos racistas, ambos podem ser identificados como assassinos em potencial. Temos de valorizar tantas experiências fecundas e o

trabalho anônimo em muitas escolas. Fazemos um pacto social de não-agressão, como os estados tiveram de fazer no passado, para evitar guerras. Faz anos uma campanha do Betinho mostrava automobilistas fechando com misto de medo e ódio os vidros do carro diante de crianças que tentavam lavá-los. Não haverá tempo para um sorriso, para um olhar fraterno? Ou nos encerraremos em guetos defensivos e até certo ponto inúteis?

Estive na Índia em recentemente e me feriu o olhar fatalista dos miseráveis encostando o nariz no carro em que eu viajava, com ar condicionado e longe dos maus odores da rua. Tinham o mesmo olhar vago e sem esperança e a placidez das vacas sagradas que

os rodeavam. No olhar duro da revolta, já há pelo menos a consciência do intolerável. Mas não podemos chegar ao rosto de desprezo do soldado de Israel, ou à fúria e ódio de jovens palestinos levando nos ombros o cadáver de seu companheiro. A Ação da Cidadania, há alguns anos, acendeu esperanças. Não será tempo de outros gestos de solidariedade fraterna? Não nos venham com citações truncadas de Hobbes, mas com a prática de Jesus de Nazaré, de Francisco de Assis, de Buda ou de Gandhi.

**Sociólogo, Diretor do Programa de Estudos Avançados em Ciência e Religião da Universidade Candido Mendes.*

Cada família do MFC - uma assinatura por ano!

Este é um compromisso do MFC com a conscientização e evangelização das famílias:

VENDA OU DÊ DE PRESENTE, CADA ANO, UMA ASSINATURA DE

fato
e razão

Envie o nome e endereço de um filho, parente, amigo, compadre, afilhado, colega, vizinho, aluno, freguês... com um cheque nominal cruzado ao MFC
Assinatura anual: 30 reais (4 números) - Preço para o ano 2007

Livraria MFC

Rua Barão de Santa Helena, 68 - CEP 36010-520 - Grambery - Centro
Tel.: (32) 3218-4239

fatoerazao@yahoo.com.br

fatoerazao@gmail.com



A Bênção da Carne

Pe. Dalton,
C.Ss.R.*

**A vida é dom.
Começando o
dom da vida,
inicia-se a tarefa
de torná-la vida
humanizada.
Tarefa de cada
indivíduo.**

Vida humanizada é viver liberto de servidões e livre para ser amável e amizante. O cuidado com o nosso ser dispõe, com alegria, a levar uma vida aprendendo. Sujeito aprendente. E quem incluir Deus nas suas relações substanciais, não só é aprendente, mas torna-se também discípulo.

Um discipulado (= seguir Jesus) que perdura a vida inteira em todos os caminhos. E o percurso de qualquer espiritualidade.

CONSTRUIR A VERDADE DO PRÓPRIO SER.

Viver é construir a verdade do próprio ser e expô-la pelo estilo de vida que se leva. Construir a própria verdade é obra de quem não cessa de aspirar e investir no "mais ser". Difícil tarefa nas atuais circunstâncias, quando se privilegia o ter e o parecer. A vida como espetáculo.

Nascido, a vida nos chama (e, em certas horas, nos compele) à escolha de dar à luz a nós próprios encontrando caminhos de sabedoria ou mergulhado em atalhos da morte. Escolhe a bênção ou a maldição (está no texto bíblico).

Crescer com e pela própria verdade de ser é o oposto de viver como uma mentira existencial. Coisa de fazer da vida um teatro e viver como um personagem. Crescer e maturar em liberdade requer generosidade.

A obra de se construir se edifica sobre o chão dadivoso de aprendiz e discípulo. Os antigos Padres da Igreja diziam ser necessárias a prática da virtude (poder de vida) da docilidade, este gosto gostoso de aprender e aceitar ser ensinado. E ousar, a seguir, ensaios de auto-realização face ao outro que me interpela, face aos acontecimentos que me desafiam, face a Deus que me chama (-sobe mais no Amor) e que me envia em missão: - vai, e conta aos teus irmãos quem Eu sou.

Toda vida bem vivida é generosa. Esclarecedora é aquela fala de Jesus dizendo que o Pai é qual agricultor zeloso que cuida da vinha, limpa a cepa, corta os ramos secos, faz a poda para que haja frutos, muitos e bons.

REDIMIR NOSSA CORPOREIDADE.

Numa perspectiva de redenção copiosa, cabe-nos redimir nossa corporeidade.

Por isso, nada de banalizar a carne, matar a carne, torturar a carne, queimar a carne humana. Carne. Corpo. Corporeidade. Somos isso; somos por isso os sentidos do mundo. O universo se percebe em nós. A carne do universo em nossa carne. A dor do universo em nossa carne. A alegria de cada um de nós por existir na carne como bênção para o universo. A via que nos santifica devolve-nos às bênçãos da carne. Você crê nesta dimensão da realidade?

Ao dizer carne digo também sexualidade. Somos e temos um corpo sexuado, sexual, sensual. A corporeidade sente, escuta, fala, cheira, toca, enxerga, pensa. E, juntando todas estas parcelas, amamos a vida, amamos os outros. Amamos Deus. E indispensável ter no coração essa certeza de fé e esperança: há mais bondade e bênçãos no mundo que tudo mais; mais que pecados, violência, maldição. A bênção da vida existe desde a criação. A bênção redentora do

viver nos alcança com a ressurreição de Jesus de Nazaré, nascido de mulher.

Uma pausa pra perguntas:

- Você se dá conta do poder que a sua sensualidade (= sentidos em movimento com os afetos) tem sobre sua vida? Você é sujeito de sua sensualidade? Você é bênção para o mundo das realidades e pessoas que o rodeiam? Você conhece a bênção de Deus que é sua carne de homem, de mulher? A bênção está em você.

CARNE.

A "carne" é uma palavra bíblica de variadas dimensões. Faz parte da revelação do que é o ser humano, visto por Deus criador e redentor. Carne é palavra ferida no decorrer da história do cristianismo. (Bento XVI fala sobre estas coisas em sua encíclica: Deus é amor.)

Carne: do corpo à corporeidade; do corpo sexuado à sexualidade. Carne, é, deveras, nosso texto, a mensagem nossa escrita pela presença junto ao universo, aos outros; junto a Deus. O corpo que reza! Corporeidade é aqui a expressão mais clara (e exata) do que quero dizer com a palavra carne: o eu corpóreo-espiritual. A unidade do que se habitou nomear com os termos de "corpo e alma".

Corporeidade redimida.
Corporeidade santificada.

Amar não é, afinal, viver no espaço do outro e admitir que o outro viva em nosso próprio espaço?

TRANSITORIEDADE E RISCOS.

Sim, a carne é transitória. Passa a figura deste mundo quando nossa carne retoma ao húmus da terra. Mas o sujeito não morre. O Verbo de Deus se faz carne para que toda carne se faça Palavra divina na história e viva para sempre, ressuscitada.

A vida de cada um de nós é uma história de vida na carne: nossa corporeidade na terra; nossa carne ressuscitada, na esfera de Deus. E verdade que a corporeidade humana corre enormes riscos nas atuais condições brasileiras. Os riscos vão desde o desemprego às balas perdidas; intensificam-se com a subida da violência no coração de cada um e a banalização do mal. Há gente demais dando morada ao medo e vivendo sob ameaças internas, que explodem ao mínimo aceno, sempre interpretado como provocação, invasão intolerável. Bom mesmo é meditar sobre nossa vida como Mistério de Deus. Somos em nossa corporeidade expressão do Mistério, parte do Mistério. Não somos nem enigmas, nem problemas. Em nossa história

de vida há, sim, enigmas e códigos a decifrar, problemas a solucionar. Mas somos é Mistério. E o lugar desde mistério se explicitar é nossa história de vida. Daí que o melhor é resignificar nossos caminhos já andados, tendo do percurso uma viva e agradecida memória. Bom mesmo, então, é viver reconciliado. E lembrando-nos, dia após dia, o outro mistério, o da encarnação (na carne!) do Verbo, Jesus de Nazaré, nascido de mulher; o enviado do Pai como sua Palavra libertadora.

SANTIFICAR A CARNE.

Recuperar a santidade e a bênção que é a carne. Carne incluída em nossa prática espiritual. Uma espiritualidade que nos liberta, cura, salva enos aproxima fraternamente dos demais. E fica posta a pergunta conclusiva: quais de suas palavras se fizeram carne na vida dos outros? São coisas do encanto, do apreço, do recomeço, do perdão, do estímulo e apoio. Quando a esperança retoma o seu lugar é sinal de que a palavra dada se fez carne, se fez bênção. O que não é falado, o não-dito, é mal-dito, maldição.

**Pe. Dalton foi Assistente Nacional e Latino-Americano do MFC.*

Carta ao meu Banco

Autor desconhecido

Senhores Diretores

Gostaria de saber se os senhores aceitariam pagar uma taxa, uma pequena taxa mensal, pela existência da padaria na esquina de sua rua, ou pela existência do posto de gasolina ou da farmácia ou da feira, ou de qualquer outro desses serviços indispensáveis ao nosso dia-a-dia.

Funcionaria assim: todo mês os senhores, e todos os usuários, pagariam uma pequena taxa para a manutenção dos serviços (padaria, feira, mecânico, costureira, farmácia etc). Uma taxa que não garantiria nenhum direito extraordinário ao pagante. Existente apenas para enriquecer os proprietários sob a alegação de que serviria para manter um serviço de alta qualidade. Por qualquer produto adquirido (um pãozinho, um remédio, uns litros de combustível etc) o usuário pagaria os preços de mercado ou, dependendo do produto, até um pouquinho acima. Que tal?

Pois, ontem saí de seu Banco com a certeza que os senhores concordariam com tais taxas.

Por uma questão de equidade e de honestidade. Minha certeza deriva de um raciocínio simples.

Vamos imaginar a seguinte cena: eu vou à padaria para comprar um pãozinho. O padeiro me atende muito gentilmente. Vende o pãozinho. Cobra o embrulhar do pão, assim como, todo e qualquer serviço. Além disso, me impõe taxas. Uma "taxa de acesso ao pãozinho", outra "taxa por guardar pão quentinho" e ainda uma "taxa de abertura da padaria". Tudo com muita cordialidade e muito profissionalismo, claro.

Fazendo uma comparação que talvez os padeiros não concordem, foi o que ocorreu comigo em seu Banco. Comprei meu carro financiado pelo Banco. Ou seja, comprei um produto de seu negócio. Os senhores me cobraram preços de mercado. Assim como o padeiro me cobra o preço de mercado pelo pãozinho. Entretanto, diferentemente do padeiro, os senhores não se satisfazem me cobrando apenas pelo produto que adquiri. Para ter acesso ao produto de seu negócio, os



senhores me cobraram uma "taxa de abertura de crédito" - equivalente àquela hipotética "taxa de acesso ao pãozinho", que os senhores certamente achariam um absurdo e se negariam a pagar. Não satisfeitos, para ter acesso ao pãozinho, digo, ao financiamento, fui obrigado a abrir uma conta corrente em seu Banco. Para que isso fosse possível, os senhores me cobraram uma "taxa de abertura de conta".

Como só é possível fazer negócios com os senhores, depois de abrir uma conta, essa "taxa de abertura de conta" se assemelharia a uma "taxa de abertura da padaria", pois, só é possível fazer negócios com o

padeiro depois de abrir a padaria.

Antigamente, os empréstimos bancários eram popularmente conhecidos como "Papagaios". Para liberar o "papagaio", alguns gerentes inescrupulosos cobravam um "por fora", que era devidamente embolsado. Fiquei com a impressão que o Banco resolveu se antecipar aos gerentes inescrupulosos. Agora ao invés de um "por fora" temos muitos "por dentro".

Tirei um extrato de minha conta - um único extrato no mês - os senhores me cobraram uma taxa de R\$ 5,00. Olhando o extrato, descobri uma outra taxa de R\$ 7,90 "para a manutenção da conta" - semelhante àquela "taxa pela existência da padaria na esquina da rua". A surpresa não acabou: descobri outra taxa de R\$ 22,00 a cada trimestre - uma taxa para manter um limite especial que não me dá nenhum direito. Se eu utilizar o limite especial vou pagar os juros (preços) mais altos do mundo. Semelhante àquela "taxa por guardar o pão quentinho".

Mas, os senhores são insaciáveis. A gentil funcionária que me atendeu, me entregou um caderninho onde sou informado que me cobrarão taxas por toda e qualquer movimentação que eu fizer. Cordialmente, retribuindo

tanta gentileza, gostaria de alertar que os senhores esqueceram de me cobrar o ar que respirei enquanto estive nas instalações de seu Banco. Por favor, me esclareçam uma dúvida: até agora não sei se comprei um financiamento ou se vendi a alma? Depois que eu pagar as taxas correspondentes, talvez os senhores me respondam informando, muito cordial e profissionalmente, que um serviço bancário é muito diferente de uma padaria. Que sua responsabilidade é muito grande, que existem inúmeras exigências governamentais, que os riscos do negócio são muito elevados etc e tal. E, ademais, tudo o que estão cobrando está devidamente coberto por lei,

regulamentado e autorizado pelo Banco Central.

Sei disso. Como sei, também, que existem seguros e garantias legais que protegem seu negócio de todo e qualquer risco. Presumo que os riscos de uma padaria, que não conta com o poder de influência dos senhores, talvez sejam muito mais elevados. E os lucros: cada ano são bilhões a mais que no ano anterior.

Sei que essas taxas de serviços e de juros são legais. Mas, também sei que são imorais. Por mais que estejam garantidas em lei, tais taxas são uma imoralidade.

Atenciosamente,
(Assinatura ilegível)

A diferença

Um mecânico está desmontando o cabeçote de uma moto, quando ele vê na oficina um cirurgião cardiologista muito conhecido.

Ele está olhando o mecânico trabalhar. O mecânico pára e pergunta:

- Hei, doutor, posso lhe fazer uma pergunta?

O cirurgião, um tanto surpreso, concorda e vai até a moto na qual o mecânico está trabalhando. O mecânico se levanta e começa:

- Doutor, olhe este motor. Eu abro seu coração, tiro válvulas, conserto-as, ponho-as de volta e fecho novamente, e, quando eu terminei, ele volta a trabalhar como se fosse novo. Como é então que eu ganho tão pouco e o senhor ganha tanto, quando nosso trabalho é praticamente o mesmo?

O cirurgião dá um sorriso, se inclina e fala baixinho ao mecânico:

- Tente fazer isso com o motor funcionando!

O perdão e a paz no casamento

Deonira L. Viganó La Rosa*

1 O perdão

O casal e a família, campos privilegiados para a expressão de nossas aspirações afetivas, acabam sendo o lugar onde mais acontece o perdão mútuo. Por quem, com efeito, vamos ficar machucados e feridos, senão por aqueles que amamos, aqueles que importam para nós, aqueles de quem esperamos uma troca de amor?

Aliás o amor, em qualquer casamento, só perdura se for

acompanhado pela capacidade recíproca de aceitar-se e de perdoar-se.

Meu cônjuge não é aquele que idealizei

Cada um de nós pode decepcionar e ferir seu cônjuge sem querer, sem perceber, pelo simples fato de sermos nós mesmos. A revelação do eu, na vida cotidiana, não coincide

sempre com a imagem ideal que cada um construiu do outro nos bons tempos de namoro. Daí a necessidade, para cada parceiro, de sair de seu sonho para perdoar-se mutuamente. E perdoar-se justo por não estar sendo exatamente aquele ou aquela que o outro esperava.

É preciso renunciar a ter o outro tal qual nosso sonho esperava. Somente a partir daí cada um estará apto a reconciliar-se com o desconhecido, o inesperado, enfim, com "o vir a ser" do seu companheiro ou companheira.

Sabemos que a passagem do sonho para o real não se faz sem decepção, sem dor. Com frequência, esta passagem é o resultado de um confronto ente os cônjuges e acontece após conflitos e bloqueios de comunicação, quando cada um se dá o direito de expressar sua agressividade pelo sofrimento e/ ou pela culpa de não se sentir à altura da expectativa do outro.

Para certas personalidades, a passagem do ideal para o real é particularmente difícil, porque esta idealização era o meio que elas haviam encontrado para construir seu equilíbrio. Sabemos que todos temos nossos limites e que certos aspectos do outro nos serão sempre intoleráveis, intragáveis, sem conciliação possível. A boa convivência passa longe do desejo de eliminar tais características e só acontece com a aceitação e o perdão da decepção que elas nos causam. Entretanto, este perdão e esta reconciliação nunca poderão ser atitudes unilaterais; para

permitir criar um novo equilíbrio relacional, os esforços necessariamente devem ser de ambos.

O mau perdão

Um trabalho sobre si mesmo, uma reflexão sobre o tipo de relação que o casal está levando, revela até que ponto a vida conjugal e a família nos tornam profundamente solidários um com o outro apesar dos erros. Quando a solidariedade funciona, as derrapagens de um, ou de outro, não têm real significado senão quando analisadas em comum. É o oposto de um primeiro olhar no qual certas disfunções de casal parecem somente devidas ao comportamento inadequado daquele que carrega a responsabilidade da falta. Nesta última perspectiva, o perdão se torna unilateral; ele consistiria apenas em esquecer a ofensa, aliviar a ferida, passar a borracha sobre os motivos da briga... expressões populares que caracterizam uma atitude magnânima. Contudo, não contém senão o mau perdão, um novo equilíbrio que já nasce coxo, porque construído sobre a ilusão de voltar atrás (tudo vai ser como antes) e sobre um não-dito, um recalque do mal-estar anterior. Não dizer a verdade por culpa, por medo do conflito, por medo de não ser amável, torna-nos co-responsáveis. Esta cumplicidade do silêncio tem os

efeitos da política do avestruz porque conta com a melhora espontânea do outro no sentido esperado por mim.

O verdadeiro perdão

Uma verdadeira reconciliação supõe, ao contrário, uma tomada de consciência pelos dois cônjuges da interação de seu comportamento e uma relativa co-responsabilidade, não sobre a ação delituosa em si, mas de suas causas. Esta conscientização não pode resultar senão de um movimento recíproco de perdão e tem por efeito a serenidade reencontrada, com a culpabilidade e o ressentimento desaparecendo de verdade, resultando um novo equilíbrio muito mais satisfatório. Mas este reajuste não pode ser feito senão se, para cada um, o desejo de uma

satisfatória vida de casal importa mais do que o deixa p'ra lá.

Percebemos então porque encontramos casais irreconciliáveis, mesmo que não estejam separados, é que, pelo menos para um deles, morreu o desejo de fazer viver seu casamento.

Se o grão não morre... a vida pára e a colheita não terá lugar. O mesmo em nossa vida relacional: o perdão acontece sobre a aceitação de uma morte parcial de mim mesmo, sobre a renúncia do sonho de um ego todo poderoso. A reconciliação está no nível da vida, da ressurreição, de uma relação que renasce outra

Leitura: Le pardon dans le couple de D. Balmelle, conselheira conjugal na AFCCC.

2

Paz! ... a felicidade do casal

O desejo de cada um, quando constitui um casal - uma família - é o de criar um espaço onde reinem a paz e a harmonia. Neste mundo de desconfiança, de medo, de guerras, a família constituiria o recanto da paz onde poderíamos descansar.

Mas, tudo isto não seria uma ilusão? Será que poderíamos extravazar lá fora nossas agressividades e guardar para a própria família, para o casal, os dons da paciência e da abnegação?

Paciência e abnegação para manter a paz

De fato, no auge da paixão nenhum dos cônjuges acredita que lhe sejam necessárias a paciência e a abnegação para manter a paz entre os dois e com os filhos. É o que dizia um jovem casal: "Casamos porque nos sentíamos bem juntos, tudo estava ótimo, mas depois tudo mudou. Por momentos nós nos detestamos... vamos acabar nos machucando". Estava distante deste casal a compreensão de que seus instintos agressivos não haviam sido suprimidos pela magia do seu amor, isto é, por suas imensas e recíprocas atenções carinhosas, mas que, ao contrário, estes instintos poderiam ser exacerbados pelas decepções e pelas frustrações de suas esperanças.

Casal, artesão da paz

Como ser o artesão, ou a artesã, desta paz tão desejada no casal e na família? Como aprender a controlar seus inevitáveis movimentos agressivos para não ferir, nem destruir o outro? Como utilizar para fins pacíficos esta formidável energia?

Primeiro, uma constatação: A gestão de nossa agressividade começa desde nosso nascimento, ou antes. É no seio da família que fazemos a educação da violência e agressividades naturais, e isso se reflete no novo casal, que recolhe

os frutos. Em segundo lugar, temos a missão de continuar o controle dos instintos agressivos numa ajuda recíproca, durante o casamento. Nós nunca terminamos de aprender a suportar as frustrações sem deixar-nos destruir, a partilhar sem ser possessivo, a não permanecer na revolta, nem na resignação, frente ao sofrimento.

Nossa vulnerabilidade é por vezes misteriosa: Podemos reagir violentamente às coisas insignificantes aos olhos dos outros. Para evitar ferir-se, é importante que o casal compreenda os limites da vulnerabilidade, que podem ser muito diferentes em cada um, segundo seu temperamento e sua história.

Podemos tentar neutralizar a violência imediata do outro pelas armas defensivas, mas, a médio prazo, elas se tornam ofensivas. "Entendi. Tu tens sempre razão" são palavras que podem encerrar uma disputa, mas deixam claro que a convicção profunda não aconteceu. Esquivou-se o conflito, mas permaneceu o medo a todo conflito. Ter a paz a todo preço não significa, de fato, estar em paz, nem consigo mesmo, nem com o outro.

Dizia uma mulher, tomada de revolta incontrolável:

"Eu não o suporto mais; faz quinze anos que tento constantemente fazer de tudo para que as coisas aconteçam como ele quer e ele nem percebe. Suas manias, eu as suportei, mas agora terminou; eu

não posso mais, eu não tenho senão um desejo, fazer minhas malas, mas por causa das crianças, eu não posso. O que fazer?". Estes quinze anos de vida conjugal, que podem ter parecido exemplares aos olhos dos outros, correm o risco de terminar por um conflito brutal, a menos que um desejo de reconciliação permita a cada um se reencontrar em verdade face ao outro. Como este marido vai suportar ver esta nova mulher cheia de reivindicações aparecer no lugar de uma antiga, mais submissa? Como esta mulher vai poder expor seus desejos, fazer que sejam atendidos, sem negar os do seu cônjuge? Longo será o caminho de tal reconciliação. É necessário brecar até ranger os freios, para conter os movimentos agressivos e dar tempo para discernir as razões mais profundas de determinados comportamentos.

O que significa "reconciliar-se"?

Reconciliar-se é não se resignar a danificar uma relação por incompreensão; é encontrar laços antigos importantes, mas que as muitas e pequenas feridas haviam encoberto, ou um conjunto de hábitos haviam coberto. Isto exige energia. Exige, também, uma forte convicção na perenidade da relação.

*Deonira La Rosa é terapeuta de Casal e de Família. Mestre em psicologia.

Trata-se de descobrir novos laços revelados por um melhor conhecimento um do outro. Estes substituirão aqueles mais ou menos idealizados, que se desvaneceram na realidade cotidiana. Estar reconciliados de verdade é, pois, estar mais concretamente ligados; é aperfeiçoar a aliança. De onde um profundo sentimento de paz e de segurança.

Os caminhos da reconciliação, por vezes, são paradoxais, exigem que você confie naquele ou naquela que percebe ter traído sua confiança. Exigem que você diga ao outro o que o feriu, sem acusá-lo, na esperança de que ele possa sarar esta ferida, mas, aceitando que ele recuse fazê-lo. Isto não é masoquismo, é, antes, um ósculo de reconciliação embora sem garantia de sucesso, pois a recusa do outro o reduz à impotência. Importa esperar pelo mínimo sinal de reconciliação, como o pai do filho pródigo: "O filho estava ainda longe quando seu pai o avistou e, tocado de compaixão, correu e atirou-se a seu pescoço e o abraçou" (Lc, 15).

Para construir a paz é preciso ser misericordioso e a misericórdia necessita de doçura e humildade.

Leitura: D. Balmelle, conselheira conjugal na AFCCC.

Violência contra a mulher

Impressionam as estatísticas sobre a violência doméstica contra a mulher em nosso país. Mais do que as drogas pesadas, o alcoolismo é o culpado habitual da agressão masculina contra a mulher. A Lei Maria da Penha que estabelece punições severas para essas agressões, com a criação de delegacias especializadas para atender as mulheres, tem coibido em parte esse grave problema. Entretanto, resquícios ainda poderosos do machismo histórico e o medo de denunciar contribuem para esse quadro, que muitas vezes tem desfechos fatais. Somente em Pernambuco, nos primeiros 45 dias deste ano, foram assassinadas 41 mulheres.

Outra forma insuportável de agressão à mulher é a exploração sexual que começa na prostituição infanto-juvenil e se consolida nas redes de prostíbulos e "academias" que exploram a mulher, num

comércio indigno e altamente lucrativo para os exploradores, quase sempre máfias de muitas ramificações no tráfico de drogas e jogatina.

No centro do Rio, infestado desses sobrados sórdidos, são livremente distribuídos panfletos nas ruas oferecendo o "fast-sex", sexo rápido a 1 real por minuto. Nas margens das rodovias, meninas são oferecidas a motoristas de carretas, estressados por regimes desumanos de trabalho, ansiosos por um "alívio" a custa dessa destruição da auto-estima feminina.



O governo anuncia agora a implantação de um sistema de monitoramento para reverter essa situação de agressão à mulher, com a ajuda de organizações da sociedade a serem mobilizadas para essa árdua e urgente tarefa. Deverá ser mobilização gigantesca, do tamanho do problema.



A VERDADE, PILATOS, É...

Pedro Casaldáliga*

Em fraterna comunhão total com Jon Sobrino, teólogo do Deus dos pobres, companheiro fiel de Jesus de Nazaré, testemunha dos nossos mártires.

Que é a verdade? Quem tem a verdade? Qual é a política verdadeira? Qual é a verdadeira religião? Essas perguntas, com tom diverso e às vezes provocando desconcerto e indignação, são perguntas universais e de cada dia e não as podemos ignorar, nem na política, nem na religião. A globalização, se por um lado nos amarra ao lucro desalmado, por outro lado nos proporciona espaços novos de diálogo e convivência, na verdade compartilhada.

Nossa Agenda Latinoamericana Mundial, nestes anos de 2007 e 2008, pergunta pela verdadeira democracia e denuncia a falsa política. Em 2007, "Exigimos e fazemos outra democracia"; e, em 2008, "A política morreu, viva a política".

Aqui, em Nossa América, no meio de ambigüidades,

crispações e desencantos, esta-se dando uma virada para a esquerda. Mas, em congressos e publicações, estão-se fazendo as perguntas inevitáveis: O que é a esquerda, o que é a democracia, qual é a verdadeira política, qual é a verdadeira religião, qual é a verdadeira igreja?

Não tem dúvida que caminhamos, apesar das dramáticas estatísticas que o PNUD e outras instituições de opinião nos dão. São 834 milhões de pessoas as que passam fome no mundo e cada ano são 4 milhões mais. Um 40% da população mundial vive na pobreza extrema. Na América Latina são uns 205 milhões de pessoas na pobreza. Na África Sub-saariana são 47 milhões. O economista Luís de Sebastián recorda que "África é pecado de Europa", a maior dívida atual da Humanidade. O

mundo gasta anualmente um trilhão de dólares em armas, quantidade 15 vezes superior à quantidade destinada à ajuda internacional... A desigualdade em nossa aldeia global é uma verdadeira blasfêmia contra a fraternidade universal. Um exemplo: a renda anual das pessoas mais ricas (em média) dos EE UU é de 118.000 dólares; e a renda anual das pessoas mais pobres (em média) de Serra Leoa é de 28 dólares.

Caminha o diálogo ecumênico e inter-religioso, mas ainda nas margens, minoritário ainda. O fenômeno grave e mundial da migração está exigindo respostas e decisões que afetam aos diferentes povos e culturas e religiões. De quem é a verdade? De quem não é?

A Igreja, a Igreja católica, celebra, em Aparecida, (Brasil), neste mês de maio, a V Conferência do Episcopado Latinoamericano e Caribenho. E já se têm levantado vozes, sinceras e dignas de toda participação, cobrando "o que não pode faltar em Aparecida": a opção pelos pobres, o ecumenismo e o macroecumenismo, a vinculação de fé e política, o cuidado da natureza, a contestação profética ao capitalismo neoliberal, o direito dos povos indígenas e afroamericanos,

o protagonismo do laicato, o reconhecimento efetivo da participação da mulher em todas as instancias eclesiais, a corresponsabilidade e a subsidiariedade de toda a Igreja, o estímulo às CEBs, a memória comprometedora dos nossos mártires, a inculturação sincera do Evangelho na teologia, na liturgia, na pastoral, no direito canônico. Em fim, a continuidade, atualizada, da nossa "irrenunciável tradição latinoamericana" que arranca, sobretudo, de Medellín.

O tema do V CELAM é: "Discípulos e missionários de Jesus Cristo, para que n'Ele os nossos povos tenham vida. Eu sou o caminho, a verdade e a vida". (As discípulas e missionárias, não entrando no enunciado, esperamos que entrem nas decisões da Conferência...). O discipulado e a missão são a vivência concreta e apaixonada do seguimento de Jesus, "na procura do Reino". O teólogo A. Brighenti assinala que o déficit eclesiológico do Documento de Participação se expressa, sobretudo, no eclipse do Reino de Deus, citado apenas duas vezes em todo o documento. Por que será que se tem tanto medo ao Reino de Deus, que foi a obsessão, a vida, a morte e a ressurreição de Jesus?

Numa coincidência suspeita, nas vésperas da V Conferência, estourou o processo do nosso querido Jon Sobrino. Muito sintomático, porque um cardeal da Cúria romana já tinha declarado que antes de Aparecida estaria liquidada a Teologia da Libertação. Esse ilustre purpurado terá de reconhecer, imagino, que depois de Aparecida continuará vivo e ativo o Deus dos pobres, e continuará subversivo o Evangelho da libertação; e que infelizmente a fome, a guerra, a injustiça, a marginalização, a corrupção, a cobiça, continuarão a exigir da nossa Igreja o compromisso real ao serviço dos pobres de Deus.

Eu escrevi a Jon Sobrino, recordando-lhe que somos milhões os que o acompanhamos e é, sobretudo, Jesus de Nazaré quem o acompanha. Recordava a Jon aquela décima que escrevi a raiz do martírio de seus companheiros da UCA: "Ya sois la verdad en cruz / y la ciencia en profecía / y es total la compañía, / compañeros de Jesús". Por tua santa culpa, dizia-lhe a Jon, muitos estamos ouvindo, transpassada de atualidade, a pergunta decisiva de Jesus: "E vocês, quem dizem que Eu sou?" Por que é ao verdadeiro Jesus a quem queremos seguir.

Com desdém prepotente Pilatos pergunta a Jesus o que é a

verdade, mas não espera a resposta e o entrega à morte e se lava as mãos. Maxence van der Meersch responde a Pilatos e nos responde a todos: "A verdade, Pilatos, é estar do lado dos pobres". A religião e a política têm de acolher essa resposta até as últimas conseqüências. Toda a vida de Jesus, aliás, é essa mesma resposta. A opção pelos pobres define toda política e toda religião. Antes era "fora da Igreja não há salvação"; depois, "fora do mundo não há salvação". Jon Sobrino nos recorda, mais uma vez, que "fora dos pobres não há salvação". João XXIII advogava por "uma Igreja dos pobres, para que fosse a Igreja de todos". O certo é que os pobres definem, com sua vida proibida e com sua morte "antes de tempo", a verdade ou a mentira de uma Sociedade, de uma Igreja. Diz nosso Jon Sobrino: "Quem não saiba explicitamente de Deus, já o terá encontrado se amou ao pobre"; e isso diz repetidamente o Evangelho na palavra e na vida de Jesus, em seu presépio e em seu calvário, nas bem-aventuranças, nas parábolas, no julgamento final...

Irmãos, irmãs, gente querida e tão próxima no mesmo desvelo e na mesma esperança, sigamos. Tentando "fazer a verdade no amor", como pede o

Novo Testamento, em comunhão fraterna e na práxis libertadora. "Com os Pobres da Terra". Sendo "vidas pelo Reino da Vida", como apregoávamos na Romaria dos Mártires da Caminhada. Seja esta pequena circular um grande abraço de compromisso, de

gratidão, de esperança invencível, Reino adentro.

**D. Pedro Casaldáliga é bispo emérito de São Félix do Araguaia, poeta e escritor. Circular 2007, 24 de março, Páscoa de São Romero.*

Suspeito

Um velho árabe muçulmano iraquiano, vivendo há mais de 40 anos nos EUA, quer plantar batatas no seu jardim, mas cavar a terra já é um trabalho demasiado pesado para ele. O seu filho único, Ahmed, está estudando na França, e o velho envia-lhe a seguinte mensagem:

«Querido Ahmed: Sinto-me mal porque este ano não vou poder plantar batatas no jardim. Já estou demasiado velho para cavar a terra. Se você estivesse aqui, todos estes problemas desapareceriam. Sei que você revolveria e prepararia toda a terra. Beijos, Papá".

Poucos dias depois, recebe a seguinte mensagem:

«Querido pai: Por favor, não toque na terra desse jardim. Escondi aí umas coisas. Beijos, Ahmed".

Na madrugada seguinte, aparecem no local a polícia, agentes do FBI, da CIA, a S.W.A.T., os Rangers, os Marines e alguns mais, bem como representantes do Pentágono, da Secretaria de Estado, da Prefeitura etc. Removem toda a terra do jardim procurando bombas, ou material para as construir, antrax etc.

Não encontram nada e vão-se embora, não sem antes interrogarem o velhote, que não fazia a mínima idéia do que eles buscavam.

Nesse mesmo dia, o velhote recebe outra mensagem:

«Querido pai: Certamente a terra já está pronta para plantar as batatas. Foi o melhor que pude fazer, dadas as circunstâncias. Beijos, Ahmed".



Rubem Alves*

Como a Terra é bela! Certos estavam os teólogos e astrônomos antigos em colocá-la no centro do universo! Os astrônomos modernos e os geômetras se riram da sua ingenuidade e presunção... Ora, a terra, essa poeira ínfima, perdida em meio a bilhões de estrelas e galáxias centro em torno do qual todo o universo gira?

Mas eles, cientistas, não sabem que há duas formas de determinar o centro. Pode-se determinar o

centro com o cérebro e pode-se determinar o centro com o coração. O cérebro mede o espaço vazio com réguas e calculadoras para assim determinar o seu centro geométrico. Mas para o coração o centro do universo é o lugar do amor...

Para o pai e a mãe, qual é o centro de sua casa? Não será porventura o berço onde seu filhinho dorme? E para o trabalhador na roça, cansado e coberto de suor, o centro do

mundo não é uma fonte de água fresca? Naquele momento, tudo o mais, que lhe importa? Chove e faz frio. A família inteira se reúne em torno da lareira, onde o fogo crepita. Ali se contam estórias...E sabe o apaixonado que o centro do mundo é o rosto da sua amada, ausente...

O centro do universo para os homens que vivem, amam e sofrem nada tem a ver com o centro geométrico do universo dos astrônomos.

Assim sentiu Deus... Dizem os poemas da Criação que, terminada a sua obra, seus olhos se voltaram não para o infinito dos céus vazios mas para a beleza da Terra. Olhou para o jardim, para suas árvores, pássaros e regatos, e sorrindo disse: "É muito bom!" Sim. É bom porque é belo. A Terra é o centro do universo porque é bela. E a beleza nos faz felizes.

Recebi de um amigo, via Internet, uma série de fotografias da Terra, tiradas de um satélite. Vinha com o nome de "A Bela Azul". Que lindo nome para a nossa Terra! Porque é com a cor azul que ela aparece. De dia, iluminada pela luz do sol, de noite brilhando com as luzes dos homens. Lembrei-me de um verso de Fernando Pessoa: "... e viu-se a Terra inteira, de repente, surgir, redonda, do azul profundo". (Fernando Pessoa, Obra Poética, p.78).

Nietzsche era um apaixonado pela Terra. Dizia que era uma deformação do espírito, num dia luminoso, ficar em casa lendo um livro quando a natureza está lá fora fresca e radiante. É possível imaginar que ele, que proclamou a morte de Deus, tenha secretamente eleito a Terra como seu objeto de sua adoração. Vejam os que ele escreveu:

"... eu me encontrava ao pé das colinas; tinha uma balança nas minhas mãos e pesava o mundo... Com que certeza meu sonho olhava para esse mundo finito - sem fazer perguntas, sem desejar possuir, sem medo e sem mendigar... Era como se uma maçã inteira se oferecesse à minha mão, maçã madura e dourada, de pele fresca, macia, aveludada: assim esse mundo se ofereceu a mim... Como se uma árvore me acenasse, galhos longos, vontade forte, curvada como um apoio, lugar mesmo de descanso para o caminhante cansado, assim estava o mundo ao pé das minhas colinas... Como se mãos delicadas me trouxessem um escrínio aberto para o deleite de olhos tímidos, olhos que adoram, assim o mundo se ofereceu hoje a mim. Não era um enigma que assusta o amor humano; não era uma solução que faz dormir a sabedoria humana. Era uma coisa boa, humana: assim o mundo foi, para mim, hoje, embora tanto mal se fale dele..."

Mas agora anunciam os cientistas que A Bela Azul está agonizante...

**Escritor, poeta, psicanalista.*

"Não existe um caminho para a Paz. A Paz é o caminho." (Gandhi)

Pais presentes Pais ausentes

Jorge La Rosa*

A educação é um processo no qual a família tem um papel insubstituível e o relacionamento pais-filhos é de importância jamais sobre-estimada. Sofrimentos intensos decorrem de desencontros entre indivíduos, seja no lar, na escola ou no mundo do trabalho. As mágoas e os ressentimentos estão aí para atestar as feridas deixadas por relações conflituosas, difíceis de cicatrizar e que provocam as dores da alma.

Pais ausentes/filhos abandonados

Mas, além dos conflitos, há sofrimento que decorre não dos desencontros, mas da ausência de encontros. Refiro-me aos pais ausentes da vida dos filhos, e o sentimento de abandono que se apossa dos últimos. Os pais podem estar muito preocupados em ser os provedores do lar e das necessidades de escolaridade dos filhos: vão ao trabalho, lutam e se sacrificam pela prole. Do ponto de vista de um

observador externo, são pais exemplares. Mas, infelizmente, estão ausentes da vida dos jovens, não dialogam com eles, não têm tempo para ouvi-los, não consideram suas críticas, em uma palavra, não convivem com eles, ainda que vivam sob o mesmo teto. O resultado: filhos abandonados, não-amados, deixados ao léu, embora, tenham boa comida, vestuário adequado, escola de qualidade. Falta-lhes afeto. Esses filhos, por estarem muito fragilizados, são sobremaneira vulneráveis. A tristeza, a depressão e as drogas estão a rondar-lhes os passos.

Pais que trabalham fora

O fato de os pais trabalharem ou não fora de casa não é um fator decisivo. Um dos genitores ou ambos podem estar por longo tempo físico em casa, mas não entrar em uma conversa mais franca e aberta com o filho. Ignoram os seus projetos, não lhes dão oportunidade para falar de suas preocupações, e não têm tempo para ouvir as suas queixas, inclusive a respeito da educação que estão recebendo ou do tratamento que os pais lhe dispensam. Outros pais que trabalham fora, ao chegar em casa estão cansados, preferem descansar na frente da TV ou ler um jornal. Os filhos continuam não tendo vez.

Ouvir os filhos

É importante ouvir o ponto de vista dos filhos, com o qual pode se concordar ou não concordar. Se não concordar, exponha suas razões, mas escute as razões dos filhos. Os pais não podem, contudo, ser defensivos, temendo ou não aceitando crítica, ou rejeitando-a de antemão. Em um relacionamento honesto, os pais podem admitir que em um ou outro aspecto podem rever suas posições e, inclusive, reconhecer que em determinada circunstância tenham falhado, porque não tinham todos os dados para tomar uma decisão ou porque estavam sumamente cansados, ou, ainda, porque estavam com raiva e esta lhes escureceu a razão. A honestidade dos pais, longe de diminuir-lhes a imagem, a sobre-releva.

A questão crucial

A questão crucial no relacionamento pais-filhos é a qualidade. É claro que para haver relacionamento é necessário um certo tempo físico. Os fins-de-semana, neste sentido, ensejam uma convivência mais demorada, um estar junto por mais tempo, que pode facilitar a abertura de coração e o diálogo franco. Os fins-de-semana não são, necessariamente, uma ocasião para cada membro da família fazer um programa em separado, e jamais estar unidos. E não são, também,

uma camisa-de-força que obrigue a todos os membros a fazer sempre o mesmo programa, com desprezo pela individualidade de cada um. A sabedoria e o diálogo, neste sentido, encontrarão o caminho. Mas há também os encontros mais curtos durante a semana quando todos estão atarefados e cada um cuidando de seu mister. É preciso que esses encontros sejam cálidos e que haja sempre a disponibilidade dos pais, ainda que cansados, de ouvir um filho ou uma filha que tiver necessidade especial de atenção e carinho. A disponibilidade dos pais para ouvi-los, eis aqui um ingrediente importante no relacionamento pais-filhos, uma viga-mestra.

Valores

A qualidade nesse relacionamento depende, em grande parte, dos valores dos pais, professados não apenas verbalmente, mas especialmente através de comportamentos e ações. A presença de um pai que vive aquilo que proclama na vida de um filho não tem preço e é o legado mais importante que o genitor pode deixar para seus descendentes. Jesus lavou os pés de seus discípulos (João 13, 2-17) e o seu gesto até hoje chega àqueles que nele buscam inspiração. O pai e a mãe, pelas suas vidas, pelo seu amor, podem ser, sempre, uma inspiração para os filhos.

**Doutor em Psicologia. Professor Titular aposentado da UFRGS.
jlarosa@terra.com.br*



Sociedade hedionda

Estudos recentes mostram que a probabilidade de que um preso brasileiro tenha vindo de uma família miserável é o dobro do que para o resto da população. Revelam também que pessoas com menos de seis anos de estudo têm duas vezes mais chances de estarem presas do que pessoas educadas.

Por isso, a desigualdade social tem sido apontada como a principal causa da violência ao lado da falta de escolaridade. Dessa forma, medidas mais duras contra o crime, inclusive a redução da maioridade

penal, seriam, aparentemente, medidas contra os pobres. Até porque os ricos, com seus advogados e sua influência sobre a polícia e a justiça, terminam escapando da prisão. Mas os que defendem o maior rigor das leis insistem que suas propostas não são contra os pobres, porque eles são pacíficos.

De fato os pobres brasileiros são pacíficos. Há séculos, no campo, pobres brasileiros sem-terra assistem, pacificamente, aos seus filhos morrerem de fome, enquanto as grandes empresas exportam comida. Nas cidades, pobres pedem esmolas com filhos esfomeados em frente a supermercados abarrotados de comida; ou com filhos doentes, em frente a farmácias repletas de remédios. Pacificamente, famílias inteiras vivem embaixo de viadutos, ao lado de luxuosos condomínios.

Os pobres brasileiros são obviamente pacíficos. Pacíficos até demais, diriam alguns. Afinal, assistir pacificamente aos filhos morrerem de fome ou doença, ao lado da comida e do remédio, é um pacifismo tão radical que chega a ser antinatural. É um admirável respeito pacífico à lei dos homens, porém, totalmente contrários às leis da natureza. A história do Brasil é um romance de pacifismo, aceitação e conformismo da multidão de pobres, ante a desigualdade e o acinte da riqueza de poucos.

Assassinar é um crime gravíssimo, não importa a idade do criminoso. Assassinar um menino arrastando-o pelas ruas do Rio de Janeiro é um crime mais que gravíssimo horroroso.

Mas também é um crime hediondo deixar milhares de meninas, a partir dos nove anos de idade, serem arrastadas vivas pelas ruas e praias do Brasil como prostitutas infantis.

Um jovem educado com futuro assegurado tem muito menos incentivo para cair no crime; mesmo assim, alguns terminam caindo. Um jovem sem futuro, sem educação para buscar uma alternativa na vida, assistindo à violência maior da abundância ante a miséria, tem um incentivo imediato para aderir à criminalidade; mesmo assim, nem todos caem no crime. E aqueles que tiverem caído devem ser punidos.

“Se tu és capaz de sorrir quando tudo deu errado, é porque já descobriste em quem pôr a culpa.” (Autor desconhecido).

Porque os pobres são pacíficos, mas a pobreza é violenta em si, e fabricada. Nem todos resistem às necessidades, aos desejos de consumo, ao abandono, à ostentação dos outros. E terminam contaminados pela maldade da sociedade perversa, até caírem na perversidade individual do crime.

Alguns bandidos são violentos, outros assim ficaram. E ficaram por causa de alguma falha na sua formação, no decorrer de sua infância e adolescência. Os que cometem os crimes têm de ser punidos. Principalmente os que fabricam os criminosos que poderiam ter tido outro rumo na vida.

Têm razão os que defendem que todos os criminosos sejam punidos, independentemente da classe social, se pobres ou ricos. Até porque o perdão a criminosos é uma injustiça contra a imensa massa de pobres, que são as maiores vítimas da maldade dos bandidos. Mas também devem ser punidos aqueles que fabricam a violência, por ação ou omissão; aqueles que constroem uma sociedade perversa, hedionda, criminosa ela própria. Porque os pobres são pacíficos, mas a pobreza é uma violência. E mais, é uma fábrica de mais violência.

**Cristovam Buarque é senador da República.*



Nova aurora

Beatriz Reis

Existem caminhos
existem veredas
existem atalhos
e trilhos batidos.

Existem apelos
existem angústias
existem chamados
e gritos de amor.

Respostas se formam
vozes se cruzam
vontades se encontram.

Surge novo dia
fruto de nova aurora
nascida de noite escura

Tese de Guerdjev

Tese de um pensador russo chamado Guerdjev, que no início do século passado já falava em auto-conhecimento e na importância de se saber viver. Dizia ele: "Uma boa vida tem como base o sentido do que queremos para nós em cada momento e daquilo que, realmente vale como principal". Assim sendo, ele traçou 20 regras de vida que foram colocadas em destaque no Instituto Francês de Ansiedade e Stress, em Paris. Dizem os "experts" em comportamento que, quem já consegue assimilar 10 delas, com certeza aprendeu a viver com qualidade interna. Ei-las:

- 1) Faça pausas de dez minutos a cada duas horas de trabalho, no máximo. Repita essas pausas na vida diária e pense em você, analisando suas atitudes.
- 2) Aprenda a dizer não sem se sentir culpado ou achar que magoou. Querer agradar a todos é um desgaste enorme.
- 3) Planeje seu dia, sim, mas deixe sempre um bom espaço para o improviso, consciente de que nem tudo depende de você.
- 4) Concentre-se em apenas uma tarefa de cada vez. Por mais ágeis que sejam os seus quadros mentais, você se exaure.

- 5) Esqueça, de uma vez por todas, que você é imprescindível. No trabalho, em casa, no grupo habitual. Por mais que isso lhe desagrade, tudo anda sem a sua atuação, a não ser você mesmo.
- 6) Abra mão de ser o responsável pelo prazer de todos. Não é você a fonte dos desejos, o eterno mestre de cerimônias.
- 7) Peça ajuda sempre que necessário, tendo o bom senso de pedir às pessoas certas.
- 8) Diferencie problemas reais de problemas imaginários e elimine-os porque são pura perda de tempo e ocupam um espaço mental precioso para coisas mais importantes.

- 9) Tente descobrir o prazer de fatos cotidianos como dormir, comer e tomar banho, sem também achar que é o máximo a se conseguir na vida.
- 10) Evite se envolver na ansiedade e tensão alheias enquanto ansiedade e tensão. Espere um pouco e depois retome o diálogo, a ação.
- 11) Família não é só você, está junto de você, compõe o seu mundo.
- 12) Entenda que princípios e convicções fechadas podem ser um grande peso, a trave do movimento e da busca.
- 13) É preciso ter sempre alguém em que se possa confiar e falar abertamente ao menos num raio de cem quilômetros.
- 14) Saiba a hora certa de sair de cena, de retirar-se do palco, de deixar a roda. Nunca perca o sentido da importância sutil de uma saída discreta.

- 15) Não se martirize com o que falaram mal de você e nem se atormente com esse lixo mental; escute o que falaram bem, com reserva analítica, sem qualquer convencimento.
- 16) Competir no lazer, no trabalho, na vida a dois, é ótimo... para quem quer ficar esgotado e perder o melhor.
- 17) A rigidez é boa na pedra, não no homem. A ele cabe firmeza, o que é muito diferente.
- 18) Uma hora de intenso prazer substitui com folga 3 horas de sono perdido. O prazer recompõe mais que o sono. Logo, não perca uma oportunidade de divertir-se.
- 19) Não abandone suas três grandes e inabaláveis amigas: a intuição, a inocência e a fé!
- 20) E entenda de uma vez por todas, definitiva e conclusivamente: Você é o que se fizer ser!

Frases...

"Você sabe que está ficando velho quando as velas custam mais caro que o bolo."

"A vantagem de ter péssima memória é se divertir muitas vezes com a mesma coisa boa como se fosse a primeira vez."

Não fique sério...

Emprego

Um sujeito vai visitar um amigo deputado federal e aproveita para lhe pedir um emprego para o seu filho que tinha acabado de completar o supletivo do 1º grau.

- Eu tenho uma vaga de assessor, só que o salário não é muito bom...
- Quanto doutor?
- Pouco mais de 10 mil reais!
- Dez mil!!!!??? Mas é muito dinheiro para o garoto! Ele não vai saber o que fazer com tudo isso não, doutor! Não tem uma vaguinha mais modesta?
- Só se for para trabalhar na Assembléia. Meio período e eles estão pagando só 7 mil.
- Ainda é muito doutor! Isso vai acabar estragando o menino!
- Bom, então tenho uma de consultor. Estão pagando 5 mil reais por mês, serve?
- Isso tudo é muito ainda, doutor. O Senhor não tem um emprego que pagasse uns mil e quinhentos ou até dois mil reais?
- Ter até tenho, mas aí é só por concurso e é para quem tem curso superior, pós-graduação ou mestrado, bons conhecimentos em informática, domínio da língua portuguesa e conhecimentos gerais. Além do mais ele terá que comparecer ao trabalho todos os dias...

Técnicas de negociação

Pai - Filho, quero que você se case com uma moça que eu escolhi.

Filho - Mas pai, eu quero escolher a minha mulher.

Pai - Meu filho, ela é filha do Bill Gates.

Filho - Bem neste caso eu aceito. Então o pai negociador vai encontrar o Bill Gates.

Pai - Bill, eu tenho o marido para sua filha.

Bill Gates - Mas a minha filha é muito jovem para casar.

Pai - Mas esse jovem é vice-presidente do Banco Mundial.

Bill Gates - Neste caso tudo bem. Finalmente o pai negociador vai ao Presidente do Banco Mundial.

Pai - Sr. presidente, eu tenho um jovem que é recomendado para ser vice-presidente do Banco Mundial.

Pres. Banco Mundial - Mas eu já tenho muitos vice-presidentes, inclusive mais do que o necessário.

Pai Mas, senhor, este jovem é genro do Bill Gates.

Pres. Banco Mundial Assim é diferente, ele está contratado.

Tribunal

Seu Zé, mineirinho, pensou bem e decidiu que os ferimentos que sofreu num acidente de trânsito

eram sérios o suficiente para levar o dono do outro carro ao tribunal. No tribunal, o advogado do réu começou a inquirir seu Zé:

- O Senhor não disse na hora do acidente "Estou ótimo"?

E seu Zé responde:

- Bem, vou lhe contar o que aconteceu. Eu tinha acabado de colocar minha mula favorita na caminhonete...
- Eu não pedi detalhes! - interrompeu o advogado. - Só responda à pergunta:
- O Senhor não disse na cena do acidente: "Estou ótimo"?
- Bem, eu coloquei a mula na caminhonete e estava descendo a rodovia...

O advogado interrompe novamente e diz:

- Meritíssimo, estou tentando estabelecer os fatos aqui. Na cena do acidente este homem disse ao patrulheiro rodoviário que estava bem. Agora, várias semanas após o acidente ele está tentando processar meu cliente, e isso é uma fraude. Por favor, poderia dizer a ele que simplesmente responda à pergunta.

Mas, a essa altura, o Juiz estava muito interessado na resposta de seu Zé e disse ao advogado:

- Eu gostaria de ouvir o que ele tem a dizer.

Seu Zé agradeceu ao Juiz e prosseguiu:

- Como eu estava dizendo, coloquei a mula na caminhonete e estava descendo a rodovia quando uma pick-up atravessou o sinal vermelho e bateu na minha caminhonete bem na lateral. Eu fui lançado fora do carro para um lado da rodovia e a mula foi lançada pro outro lado. Eu

estava muito ferido e não podia me mover. De qualquer forma, eu podia ouvir a mula zurrando e grunhindo e, pelo barulho, eu pude perceber que o estado dela era muito ruim. Logo após o acidente, o patrulheiro rodoviário chegou ao local. Ele ouviu a mula gritando e zurrando e foi até onde ela estava. Depois de dar uma olhada nela, ele pegou a arma e atirou 3 vezes bem entre os olhos do animal. Então, o policial atravessou a estrada com a arma na mão, olhou para mim e disse:

- Sua mula estava muito mal e eu tive que atirar nela. E o senhor, como está se sentindo? - O que o Sr. responderia, meritíssimo?

Multa

Um casal sai de férias e vai para um hotel-fazenda. O homem gosta de pescar e a mulher gosta de ler. Certa manhã, o marido volta depois de uma noite pescando e resolve tirar uma soneca.

Apesar de não conhecer bem o lago, a mulher decide pegar o barco do marido e ler no lago. Ela navega um pouco, ancora, e começa a ler seu livro. Chega um guarda do parque, pára ao lado do barco da mulher e fala:

- Bom dia, Madame. O que está fazendo?
- Lendo um livro - ela responde, e pensando: será que não é óbvio?
- A senhora está em uma área restrita em que a pesca é proibida - ele informa.
- Sinto muito, tenente, mas não estou pescando, estou lendo.
- Sim, mas com todo o equipamento de pesca. Pelo que sei, a senhora

pode começar a qualquer momento. Se não sair daí imediatamente, terei que multá-la e processá-la.

- Se o senhor fizer isso, terei que acusá-lo de assédio sexual, diz a mulher.

- Mas eu nem sequer a toquei! - diz o guarda.

- É verdade, mas o senhor tem todo o equipamento. Pelo que sei, pode começar a qualquer momento.

- Tenha um bom dia, Madame - ele diz e vai embora.

Avisos paroquiais

"Para todos os que têm filhos e não o sabem, temos na paróquia uma área especial para crianças."

"Quinta feira que vem, às cinco da tarde, haverá uma reunião do grupo de mães. Todas as senhoras que desejem formar parte das mães, devem dirigir-se ao escritório do pároco."

"As reuniões do grupo de recuperação da autoconfiança são nas sextas feiras, às oito da noite. Por favor, entrem pela porta traseira."

"Na sexta feira às sete, os meninos do Oratório farão a representação da obra "Hamlet" de Shakespeare, no salão da igreja. Toda a comunidade está convidada para tomar parte nesta tragédia."

"Prezadas senhoras, não esqueçam a próxima venda para beneficência. É uma boa ocasião para se livrar das coisas inúteis que há na sua casa. Tragam os seus maridos!"

"O coro dos maiores de sessenta anos vai ser suspenso durante o

verão, com o agradecimento de toda a paróquia."

"O mês de novembro finalizará com uma missa cantada por todos os defuntos da paróquia."

"Lembrem-se que quinta feira começará a catequese para meninos e meninas de ambos sexos."



Chapeuzinho Vermelho

Como seria a história de Chapeuzinho Vermelho hoje, contada pela mídia brasileira?

JORNAL NACIONAL
(William Bonner): Boa noite. Uma menina chegou a ser devorada por um lobo na noite de ontem...
(Fátima Bernardes): ... mas a atuação de um caçador evitou uma tragédia.

FANTÁSTICO
(Glória Maria): Que gracinha, gente. Vocês não vão acreditar, mas essa menina linda aqui foi retirada viva da barriga de um lobo. Não é mesmo, querida?
CIDADE ALERTA
(Datena) Onde é que a gente vai

parar, cadê as autoridades? A menina

ia para a casa da avozinha a pé! Não tem transporte público! E foi devorada viva! Põe na tela! Tem um "link" para a floresta, diretor?
REVISTA CLÁUDIA

Como chegar à casa da vovozinha sem se deixar enganar pelos lobos no caminho.

JORNAL O ESTADO DE S. PAULO
Fontes confirmam que Lobo que devorou Chapeuzinho seria filiado ao PT.

REVISTA VEJA

EXCLUSIVO! Ações do Lobo eram patrocinadas pelo governo Lula e o PT.

Páginas Amarelas da VEJA:
Entrevista com Arthur Virgílio. "Está claro que houve tentativa de quebra de sigilo bancário da Chapeuzinho por parte da Dilma e do Tarso Genro. Eles têm que cair."
JORNAL ZERO HORA

Avô de Chapeuzinho nasceu no RS.
REVISTA CARAS

Chapeuzinho fala a CARAS: "Até ser devorada, eu não dava valor para muitas coisas da vida. Hoje sou outra pessoa".

REVISTA ISTOÉ

Gravações revelam que lobo foi assessor de influente político de Brasília.

Meu dinheiro

Uma senhora pediu à caixa do banco para ver o seu saldo. A funcionária informou.

"Quero retirar", disse a idosa cliente.

Fez o cheque. Recebeu o dinheiro. Contou

cuidadosamente, para conferir até os centavos.

Estava tudo certo.

Devolveu o dinheiro à caixa e pediu.

"Quero depositar".

A moça estranhou:

"Mas a senhora acabou de retirar todo o dinheiro e quer depositar de novo?"

Ela explicou:

"Eu só queria conferir se o meu dinheiro estava mesmo guardado direitinho no banco".

Descarrego

Um homem comenta sua situação aflitiva com um amigo, crente fiel de uma igreja:

- "Eu estou numa maré braba.

Estou sem crédito na praça, devendo prá todo mundo. Não vejo solução. Já pensei em me matar.

Estou desempregado e sem dinheiro, cheio de contas e carnês atrasados. Não há nada que dê jeito nessa situação. Já perdi a esperança! Acho que já estou doente e vou morrer mesmo..."

O amigo religioso:

- Calma! Não é nada disso... Você precisa de ajuda espiritual. Você conhece a minha igreja? Pois na quarta-feira, tem uma Sessão de Descarrego onde

todos são curados ou aliviados, com uns 320 pastores e muita fé. Vai lá... Vamos te salvar!"

Na quarta-feira, o homem vai. No meio do culto é chamado ao palco e, entre outros, um pastor o agarra e brada:

- Sai desse corpo, demônio!

Desaloja desse corpo! Esse corpo não te pertence! Em nome de Jesus, te afasta deste homem bom!

E colocando a mão em sua testa, brada:

- Estou ordenando: Em nome de Jesus, desaloja!... Desaloja!... DESALOJA!

O homem grita apavorado:

- Loja Americana! Casas Bahia! Ponto Frio Bonzão!

Eutanásia

Ontem, minha esposa e eu estávamos sentados na sala, falando das muitas coisas da vida. Estávamos falando de viver ou morrer. Eu lhe disse:

"Nunca me deixes viver em estado vegetativo, dependendo de uma máquina e líquidos. Se você me vir nesse estado, desliga tudo o que me mantém vivo, sim?"

Você acredita que ela se levantou, desligou a televisão e jogou minha cerveja fora?

Marido estressado

Uma mulher acompanha o marido ao consultório médico. Depois de ser atendido, o médico chama a esposa reservadamente e diz:

"Seu marido está com stress profundo. A situação é delicada, e se a senhora não seguir as instruções que vou lhe passar seu marido certamente vai morrer.

São apenas 10 instruções que salvarão sua vida:

01) Toda manhã, prepare para ele um café reforçado;

02) Para o almoço, ofereça refeições nutritivas;

3) Para o jantar, prepare pratos especiais, tipo comida japonesa, italiana e francesa;

04) Mantenha em casa um bom estoque de cerveja gelada;

05) Não o atrapalhe quando ele estiver vendo futebol;

06) Pare de assistir novelas;

07) Não o aborreça com problemas do universo feminino;

08) Deixe-o chegar no horário que desejar;

09) Nunca questione onde estava;

10) Faça sexo quando ele quiser."

No caminho de casa, o marido perguntou:

"O que foi que o médico disse?"

Ela respondeu:

"Ele disse que você vai morrer..."

Leia e assine Rede

uma análise mensal da conjuntura política, econômica, social e eclesial, nacional e internacional.

Escrevem Alino Lorenzon, Antonio Carlos Ribeiro, Andréa Paes Alberico, Beatriz Lorenzini, Edson Fernando Almeida, Frei Betto, Frei João Xerri, Guilherme Delgado, Helio Amorim, Helio Saboya, Jether Ramalho, João Whitaker Ferreira, Leonardo Boff, Lilia Azevedo, Marcelo Barros, Marco Antonio, Marieta Sampaio, Moema Miranda, Plínio Arruda Sampaio, Rubem Alves, Selma Amorim, Thomaz Ferreira Jensen, Victor Valla, Virgílio Uchoa,

Basta telefonar para a Rede de Cristãos e receber instruções sobre a forma mais cômoda de pagamento. Tel (0**24) 2242-6433

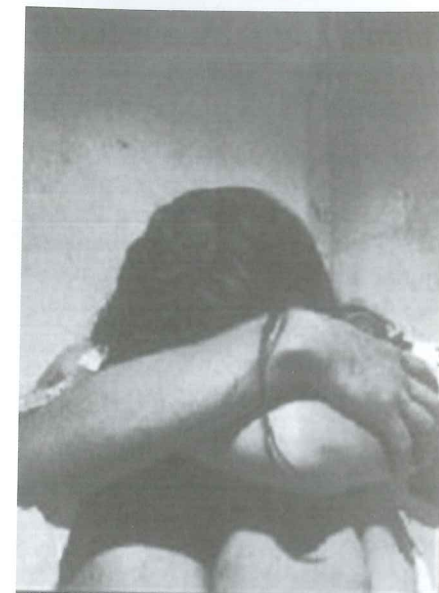
CIÚME

Especialistas alertam para o ciúme: pode virar doença

Quando se fala de amor, ter ciúmes é, para muitos, o tempero da relação, mas é preciso ter cuidado para não errar na dose. O limite entre o ciúme normal e o patológico é impreciso. Especialistas garantem que a partir do momento em que há falta de controle até o ponto de prejudicar a vida dos envolvidos pode ser doença. No ciúme patológico, há geralmente o pensamento inconsciente da ameaça de um rival.

Comportamentos como abrir correspondências, ouvir telefonemas, examinar bolsos, carteiras, recibos e até roupas íntimas do companheiro podem ser indícios de um problema mais grave. A dona-de-casa Liliana Palmer, 33 anos, casada há oito, já seguiu o marido diversas vezes até o trabalho para saber se ele estava sendo infiel. "Até quando ele fica assistindo TV por muito tempo eu olho com cara amarrada", conta Liliana. Segundo ela, os dois são ciumentos e o comportamento se tornou habitual. "Peguei ele me seguindo a pé, a uns 10 quarteirões da nossa casa."

O psicólogo e professor de neurociências da Universidade Federal Fluminense Gilberto Ottoni de Brito disse que é preciso descobrir o motivo do ciúme. Segundo ele, os ciumentos estão



sempre em busca de evidências e confissões que confirmem suas suspeitas, mas, ainda que confirmadas pelo companheiro, a inquisição permanente traz mais dúvidas.

O psiquiatra e psicoterapeuta Celso Fortes de Almeida explica que o ciúme patológico é um distúrbio de personalidade típico de inseguros. Um dos casos que tratou foi o de um pai que não conseguia ver o filho mamando no peito da mulher. "Ele enlouquecia", relatou.

O primeiro relacionamento da estudante Claudine Villa, 22 anos, terminou por causa do ciúme. "Viajei e ele me pediu para escrever

um diário com tudo que eu fizesse no dia, para comparar com o que eu dissesse. Escrevi porque gostava muito dele, mas depois de um tempo não deu certo", lembra.

Terapia cognitiva auxilia no tratamento

O coordenador do Setor de Neuropsiquiatria da Santa Casa, Fábio Barbirato, disse que a terapia cognitiva comportamental pode ajudar em alguns casos, porém, nos mais graves, ela pode não ser suficiente: "Se houver falta de controle das atitudes e o pensamento obsessivo tomar conta de grande parte do dia da pessoa é preciso usar medicamentos". E acrescenta: "Em todos os casos a melhor opção é procurar ajuda profissional".

O ciúme patológico pode ser o sintoma de uma doença ainda mais grave. "É a ponta do iceberg", alerta Fábio Barbirato. Análises criteriosas de cada caso podem detectar outros indícios que são importantes. "Pessoas normalmente obsessivas e possessivas podem mostrar o mesmo comportamento em várias situações da vida", explica o especialista.

O ciúme é comum em distúrbios como o Transtorno Obsessivo Compulsivo (TOC), por exemplo. Nesse caso, o tratamento deve ser acompanhado com mais cuidado pelos profissionais.

(Publicado em O Dia Rio de Janeiro)

Você sabia? Experimente.

Imagine um lugar onde você pode, por exemplo, ler gratuitamente todas as obras do Machado de Assis, ou clássicos como a "A Divina Comédia", de Dante Aleghieri, ou ainda histórias infantis, ciências, filosofia, etc. Um lugar que lhe mostre as grandes pinturas de Leonardo da Vinci, ou onde você pode escutar gratuitamente músicas de alta qualidade, em MP3.

Pois o **Ministério da Educação** disponibiliza tudo isso. Basta acessar o site: www.dominipublico.gov.br Só de Literatura em língua portuguesa, estão disponíveis 732 obras.

OS CHARGISTAS



Cárcamo retrata magistralmente a nova e confusa cara política da América Latina, em charge publicada na revista Época.

CUIDADO. Um menino estava recarregando seu celular em casa. Justo quando recebeu uma ligação ele a atendeu (com o carregador ainda conectado ao interruptor). Depois de alguns segundos, a eletricidade correu no celular e o menino foi jogado ao chão com um som muito forte. Seus pais entraram rapidamente no quarto e o encontraram inconsciente, com as batidas do coração muito fracas e com os dedos queimados. Foi levado imediatamente ao hospital mas foi declarado morto assim que chegou.
Nunca use o celular enquanto ele estiver conectado ao interruptor!

Audiovisuais em DVD

O MFC e o Instituto da Família INFA oferecem programas em DVD.
Em cada DVD, vários programas de 15 minutos.

“Bate-papos” provocativos sobre questões que afetam a família e a sociedade. Para serem usados

- em reuniões de equipes e grupos do MFC
- em reuniões de pais e professores nas escolas
- em canais de televisão, rádios e TVs Comunitárias
- em encontros de noivos ou de casais
- em múltiplos outros eventos.

Para encomendar: Livraria MFC
Telefone: (32) 3214-2952 - e-mail: livraria.mfc@veloxmail.com.br

DVDs já disponíveis:



DVD 1

- "Drogas: dependência e recuperação"
- "Drogas: mitos e preconceitos"
- "Violência na família"
- "Família na escola"
- "Diálogo & diálogo"
- "Violência e insegurança"
- "Separações e divórcio"



DVD - 2

- "Drogas desafio para o educador"
- "Drogas: da negação à onipotência"
- "Criança agressivas"
- "Aprendizagem bloqueada"
- "Cuidar da voz"
- "Motricidade oral"
- "A família moderna"
- "Sexualidade"



DVD - 3

- "Violência urbana"
- "Insegurança e medo"
- "Idade e maturidade"
- "Ética princípios que regem as relações humanas."
- "Ética na política"
- "Auto-estima sem narcisismo"
- "Casamento rompido"
- "Relacionamento conjugal e familiar"
- "Identidade e auto-realização"

Maria Clara Lucchetti Bingemer*

Tão carinhoso

Já passa o tempo
desde que se calou a
lira e o gênio tão
carinhoso de João de
Barro ou Carlos
Alberto Ferreira
Braga ou
simplesmente e
docemente
Braguinha.

Entre sua morte e este
artigo muita coisa
aconteceu, entre elas os
episódios nada carinhosos
que mergulharam o Rio
num caos de violência às
vésperas da passagem de
ano, fazendo o medo voltar
a ser protagonista da rotina
e da vida dos assustados
cariocas.

E no entanto não é tarde,
nunca é tarde, para render
a um gênio preito e
homenagem. Sobre tudo
quando se trata de alguém

como Braguinha, doce no
ser, no olhar, no falar e,
sobretudo, no compor e no
cantar. Alguém que tornou
o mundo mais belo, mais
alegre e mais carinhoso com
sua passagem por ele.

Cantor da beleza, Braguinha
o foi por ser primeiro e
antes de tudo seu
infatigável admirador. Da
beleza do Rio, sua querida
cidade, com sua paisagem,
que é loucura e delírio de
inspiração do



Criador.

Não é à-toa que uma de suas obras-primas canta um lugar, um bairro do Rio. Melhor dito, o bairro que se tornou cartão postal da cidade, salvo-conduto e senha da Cidade Maravilhosa no mundo inteiro: Copacabana.

A canção é bela por sua harmonia e melodia, e também pela beleza daquilo que canta: a maravilha das curvas da praia feminina no nome e na forma, a quem o compositor chama carinhosamente "princesinha do mar". Porém, é enternecedor ver que Braguinha, ao cantar Copacabana não pode deixar de vê-la como uma praia mulher. É com o olhar respeitoso e deslumbrado do homem que contempla a beleza de uma linda mulher que ele celebra as curvas, as areias, a vida de Copacabana.

Este mesmo tom domina a maioria de suas músicas, que louvam a beleza da mulata, da loirinha, da moreninha, de todas as mulheres de todas as raças, feitos e feitiços e cores.

Pastorinhas enlouradas, tristes Luzias e Lauras, ardentes espanholas que pegam o touro à unha ou alegres Chiquitas bacanas martiniquesas que se vestem com cascas de banana nanica. Todas têm lugar no olhar admirativo e no carinhoso coração do compositor Braguinha.

Cantor da beleza, foi igualmente e talvez sobretudo cantor do amor. Todas as suas canções são impregnadas desse sentimento que o poeta vê em toda parte. Na natureza, quando o mar, eterno cantor, ao beijar Copacabana, fica perdido de amor, passando o resto da vida a jurar seu amor pela linda praia. E na vida humana, quando o coração bate feliz ao ver a amada e suplica seu beijo e sua presença. É um amor feito de paixão, sim, mas sobretudo de carinho. Amor limpo, transparente, sem a sobrecarga erótica de que parecem se revestir tantas poesias e canções de agora.

Nas canções de Braguinha, pareceria que o romance com tudo aquilo que tem de paixão mas também de

surpresa, de respeito que olha, se deslumbra, espera e acolhe a revelação da beleza do ser amado, ainda tem lugar neste mundo. O eros desgovernado feito pornografia e avidez insaciável ensombreceram e exilaram esses sentimentos puros e nobres que hoje parecem tão longínquos, quase banidos das vidas e dos corações dos homens e mulheres de nosso tempo.

E no entanto Braguinha era amado. Sua morte foi pranteada por tantos e a lacuna deixada por sua partida, dita e redita em todos os tons. Isto permite ter esperança de que a sede de beleza e de verdadeiro amor do ser humano não se extinguiu.

Quem gosta de ouvir, cantar e dançar ao som de "Carinhoso" não está totalmente obnubilado em sua capacidade de viver o amor como dom maior da vida, como mistério que descortina pouco a pouco seu encanto e que deve ser sorvido sem pressa e saboreado gota a gota, como precioso néctar que faz viver.

Maria Clara Bingemer é autora de "A Argila e o espírito - ensaios sobre ética, mística e poética" (Ed. Garamond), entre outros livros. Teóloga, professora e decana do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio. Publicado por ADITAL.

FÁBULA: A raposa e o leão

Uma raposa muito jovem, que nunca tinha visto um leão, estava andando pela floresta e deu de cara com um deles. Ela não precisou olhar muito para sair correndo desesperada, na direção do primeiro esconderijo que encontrou. Quando viu o leão pela segunda vez, a raposa ficou atrás de uma árvore a fim de poder olhar para ele antes de fugir. Mas na terceira vez, a raposa foi direto até o leão e começou a dar tapinhas nas costas dele, dizendo:
- Oi, gatão! Tudo bem aí?

Moral: Da familiaridade nasce o abuso...

Ética relativa...

ÉTICA é uma coisa relativa?!

O sociólogo Peter Berger escreveu livrinho delicioso: *"Introdução à Sociologia"*. Um dos seus capítulos tem um título estranho: *"Como trapacear e se manter ético ao mesmo tempo"*. Estranho à primeira vista. Mas logo se percebe que, na política, é de suma importância juntar ética e trapaça. E conta uma historieta.

Havia numa cidade dos Estados Unidos uma igreja batista. Os batistas, como se sabe, são um ramo do cristianismo muito rigoroso nos seus princípios éticos.

Havia na mesma cidade uma fábrica de cerveja que, para a igreja batista, era a vanguarda de Satanás.

O pastor não poupava a fábrica de cerveja nas suas pregações.. Aconteceu, entretanto, que, por razões pouco esclarecidas, a fábrica de cerveja fez uma doação de 500 mil dólares para a dita igreja.

Foi um auê.. Os membros mais ortodoxos da igreja foram unânimes em denunciar aquela quantia como dinheiro do Diabo e que não poderia ser aceito. Mas, passada a exaltação dos primeiros dias, acalmados os ânimos, os mais ponderados começaram a analisar os benefícios que aquele dinheiro poderia trazer: uma pintura nova para a igreja, um órgão de tubos, jardins mais bonitos, um salão social para festas. Reuniu-se então a igreja em assembléia para a decisão democrática. Depois de muita discussão registrou-se a seguinte decisão no livro de atas:

"A Igreja Batista Betel resolve aceitar a oferta de 500 mil dólares feita pela Cervejaria na firme convicção de que o Diabo ficará furioso quando souber que o seu dinheiro vai ser usado para a glória de Deus."

EUTANÁSIA

· ética da existência fragilizada

Olinto A. Pegoraro *

Em 20 de dezembro de 2006, em Roma, ocorreu a morte induzida de Piergiorgio Welby, fato que levantou, novamente, enorme polêmica sobre a eutanásia.

De um lado, pesou a posição da Igreja Católica que, desde longa tradição, não a aceita e, de outro, bioeticistas, políticos, médicos e geneticistas que a defendem com argumentos colhidos nas teorias éticas da existência.

Evidentemente, hoje já não basta o argumento da Igreja que "defende a vida incondicionalmente, do momento da concepção à velhice" apoiada na palavra de Jesus: "Vim para que todos tenham vida e em abundância". É insuficiente também fundar a eticidade da eutanásia numa simples

solicitação do paciente. A questão é mais profunda.

A eutanásia é um problema humano dos limites da vida e dos confins da ética, zonas obscuras onde é difícil ter clareza nas decisões morais. Nesta zona, trava-se o conflito entre a universalidade dos princípios éticos e a particularidade da situação e das circunstâncias reais vividas por uma pessoa.

Desde os gregos, especialmente em Aristóteles, a ética interpretou estas situações obscuras e conflitivas pelo princípio da prudência *"fronesis"*. Por um lado, *"Fronimos"* é a pessoa prudente, respeitada e de longa experiência que sugere uma resposta sapiencial, equilibrada e de bom senso para uma situação na qual não é possível aplicar pura e simplesmente os princípios gerais da ética; por outro, a prudência é o supremo princípio da moralidade: *"procurar o bem humano"* ou *"fazer o bem e evitar o mal"*. Ninguém questiona este

princípio que, em termos e paradigmas diferentes, é o fundamento de todas as teorias éticas - antigas, modernas e contemporâneas. Não existe um "princípio ético" para prejudicar o homem ou qualquer outro ser natural: o que seria um absurdo. Porém, deve ser aplicado sempre, como soa em sua universalidade? Que sugere o homem prudente nos casos particulares?

O problema é que, hoje, este princípio não se basta mais, pois as filosofias da existência dão muita importância às circunstâncias e às situações reais nas quais se aplica o princípio ético. A pergunta existencial é: qual o bem humano para esta pessoa que vive nesta situação e nesta circunstância?

Isto significa que, na decisão ética, as circunstâncias reais têm peso igual ao do princípio geral. No caso em epígrafe: qual é o bem humano de Welby? Só podemos defini-lo pelas circunstâncias vividas por ele. Piergiorgio Welby tinha 60 anos e viveu mais de 40 paralisado devido a uma distrofia muscular. Nos últimos tempos teve de ser ligado a um respirador artificial e alimentado por um tubo, para poder mantê-lo vivo; como nos últimos meses não podia mais falar, comunicava-se através de um computador. Consciente de

sua precária situação, repetiu muitas vezes: "o que estou vivendo não é vida; vida é respirar sem aparelhos, mover-se, e andar pelas próprias forças; sem essas condições mínimas a vida não vale a pena".

Ciente de seu estado terminal, irreversível e "dependente de máquinas" convenceu um médico a desligar os aparelhos que o mantinham vivo e morreu 40 minutos após.

Esta narrativa existencial e cruel encerra a norma ética que define "o bem humano" para o senhor Welby; o bem que lhe convém é a morte e não a vida artificial que praticamente não é mais vida humana.

Isto significa que, nestes severos limites da vida, o juízo moral é construído a partir da existência fragilizada: é a ética da existência frágil e não a ética forte construída sobre princípios metafísicos, adequada às pessoas em pleno exercício da mente, da consciência e no gozo de suas forças físicas.

No caso de Welby, seria profundamente imoral dizer que "até que há vida, há esperança"; ou "Deus lhe deu a vida, só a Ele cabe retirá-la"; ou "a ciência médica deve promover a vida em qualquer condição e situação". Muito infeliz foi a posição das autoridades eclesiásticas que "proibiram o

funeral religioso porque Welby defendeu reiteradamente dar fim à sua vida, contra a doutrina católica".

Com esta atitude, a Igreja desperdiçou a oportunidade de entender o problema de Welby de modo amplo, sensível, humanitário e, sobretudo, evangélico.

Muito ético foi o médico que cumpriu a vontade do paciente de não prosseguir um tratamento inútil e obviamente fútil.

Eticamente agem os pacientes terminais que se recusam livremente a utilizar as tecnologias para prolongar a vida sem chance de cura; estes devem ser humanitariamente entendidos e eticamente atendidos pela medicina.

No caso de Welby houve falta ética grave por excesso de zelo terapêutico que o manteve vivo em estado permanentemente crítico inutilmente e contra a sua vontade, expressa reiteradas vezes, até em carta ao presidente da república italiana, com vasta repercussão social.

Vivemos na era dos direitos humanos. A liberdade, a criatividade, a ética, o direito e a ciência nos proporcionaram amplo controle de nossas vidas. Decidimos os passos

mais importantes da existência como o que e onde estudar, escolher uma profissão, casar, decidir quando colocar uma nova vida no mundo e quantas vezes. Hoje esta liberdade e direito devem se estender também ao momento da morte. Podemos controlá-lo com o auxílio de técnicas, coisa impossível décadas atrás. Por isso, em determinadas situações e condições, sustentadas pela ética existencial e previstas em lei, podemos decidir o fim de nossos dias. É o direito de morrer com dignidade, como já estabelecem as legislações da Holanda, Bélgica e Suíça. Ademais, hoje temos a compreensão que a vida não é nosso maior bem. Milhões de soldados preferiram morrer para libertar seu povo; milhares de mártires cristãos aceitaram a morte para manter a fé: são nossos heróis e santos.

Enfim, a solicitação da eutanásia, nos termos éticos e legais, não ofende princípios morais e religiosos e muito menos a Deus; pois, ao solicitar, consciente e livremente, a eutanásia o paciente não comete revolta contra a religião; ao contrário, pode oferecer e restituir a Deus a vida que Dele recebeu, em humilde oferenda.

* Filósofo e Professor da Uerj.

Falar bem contagia

Falar com bondade, sem falar dos defeitos dos outros e adquirir a disciplina na fala são práticas para toda nossa vida.

É muito importante desenvolver tolerância, paciência, compaixão para superar a violência, a raiva, e o impulso da agressividade.

Não adianta reprimir e conter a violência e sim, descobrir a afabilidade, exercitar a amabilidade, conquistar a suavidade. Com uma forte intenção e determinação, vamos conquistando a nós mesmos e alcançando sabedoria e gentileza.

Seguir o sábio ensinamento: "Se não puder elogiar, cale-se". Quantos conflitos, quanta desarmonia, quantas brigas são evitadas seguindo este conselho. Um elogio sincero aquece o coração do outro e melhora sua auto-estima.

Precisamos aprender com nossos erros. Aceitar quando falamos alguma coisa inapropriada em vez de ficar em uma atitude defensiva negando o fato. Aceitar as críticas construtivas dos outros para não cometermos os mesmos erros. Parar de reclamar e nos lastimar. Parar de perturbar o outro repetindo sempre a mesma coisa. Ter momentos de silêncio em nossa vida diária.

Como disse o poeta indiano Tulsidas:

"As complicações são criadas pelo falar.
Os problemas são resolvidos pelo falar.
Ao se falar com discernimento pode-se ganhar bênçãos.
Ao se falar insensatamente, pode-se ficar louco."

Para se relacionar melhor com os outros e praticar a não-violência na fala, contemple antes de falar:

O que vou dizer é verdadeiro?
É necessário dizer?
É o momento apropriado?
Pode ser dito de maneira apropriada?
Estou sendo bondoso, amável, educado, amigo?

Aplique esses conselhos dos sábios. Fale sobre os outros como se eles estivessem presentes ouvindo você. Fale como gostaria que falassem sobre você, com respeito, sem diminuir nem rebaixar ninguém. Controle sua fala e torne-se um mensageiro da paz.

Ivone Gebara *

Por onde Deus caminha na América Latina?



Logo que vi o título da crônica que me foi pedida me veio à lembrança a conhecida frase do escritor espanhol Antonio Machado: "caminhante não há caminhos, se faz caminho ao caminhar". Estranhas associações da mente ligadas às inesperadas associações da vida! Mas, dirão vocês nada lhe foi pedido sobre o caminho dos caminhantes. Trata-se dos caminhos de Deus. E é sobre Deus que é preciso escrever. E de Deus em um lugar preciso, na América Latina! Tarefa difícil para uma pequena crônica! As perguntas surgiram sem dó em minha cabeça. Como saberei dos

caminhos de Deus? Como terei certeza se os indicados são de fato seus caminhos, suas veredas, seus passos, suas marcas? Quem os definiu? Quem os identificou? Quem os reconheceu? Quem os proclamou? Quem os acolheu? Quem os ensinou?

Como ousarei falar deles? A partir de que critérios? A partir de que imagens?

Seriam caminhos de mulheres? De homens? De jovens, de idosos, de crianças?

Seriam caminhos indígenas, negros, amarelos, brancos ou misturados?

Caminhos do Deus de quem? Do meu? Do papa? De Pinochet? De Bush?

Fica cada vez mais claro que se Deus não é múltiplo ao menos tem caras múltiplas! Já não se pode mais falar de Deus como se fosse alguém de um rosto único. Por isso temos que perguntar: quem é mesmo Deus? Qual a sua identidade, sua importância, seu lugar, sua autoridade para que me decida a buscar os seus caminhos e não os meus?

Por que esses caminhos teriam mais importância do que os de Seu Cícero que acabei de encontrar



puxandô sua carroça de papelão e jornais velhos? Ou os caminhos de Dona Conceição, quase paralítica, sentada à beira de sua cama com a porta aberta para a rua, comendo pão doce e café sob os olhos vigilantes de seu cão protetor? Ou os caminhos de Severina, mocinha de 15 anos arrastando o irmão para a escola? Ou os caminhos da avó Madalena de mãos dadas com três netos levando-os para o centro da cidade para mendigar nas paradas de ônibus?

Destes personagens que vivem nas redondezas de minha casa conheço algo de seu caminho, algo de sua dor e alegria, algo de seu cotidiano, algo de sua vida. Conheço também algo de minha vida, de minhas buscas de meus caminhos e descaminhos. Mas, de Deus, não conheço nada. Por isso me pergunto como seria o caminho de Deus? Como seria seu cotidiano? Como seria seu espaço e seu tempo? Ou seria sem tempo e sem espaço? Por que insistimos em buscar-lhe o caminho como se quiséssemos esquecer os nossos caminhos, como se pensássemos que há alguém cujo caminho é mais interessante e mais verdadeiro do que qualquer outro caminho? Por

que buscar no desconhecido, no oculto, no misterioso, na Bíblia orientação ou modelo para nossos caminhos? Por que buscamos a perfeição do caminho quando somos apenas finitude e imperfeição? Por que buscamos o amor infinito quando só experimentamos as finitudes do amor?

No fundo já não entendo bem o que se quer quando se pergunta pelos caminhos de Deus na América Latina! Houve um tempo em que eu pensava que entendia.

Só sei que hoje experimento a falta de avenidas, a falta de boas estradas, a falta de grandes direções, de grandes orientações, de grandes caminhos para os caminhantes sedentos de justiça e de beleza.

As teologias já não convencem mais, as homilias e catequeses parecem repetir o mesmo e perder o pouco interesse que talvez ainda pudessem ter. As grandes assembléias religiosas nacionais e internacionais perdem-se nas belas palavras, nos bons propósitos, nas avaliações, nas projeções, nas demonstrações, nas elucubrações sem ações.

Caminhos de Deus? Que Deus?

Por que queremos conhecer os caminhos de Deus? Não seria pretensão? Ambição? Justificação? Ou seria apenas uma linguagem simbólica para falar da busca múltipla dos caminhos do bem, da igualdade e da justiça? Ah! Estes caminhos, que dizemos buscar, que ansiamos encontrar e que dificilmente os encontramos! E

por que não encontramos? Por que não os identificamos?

Não seria porque os procuramos fora de nós? Não seria por que imaginamos que alguém que denominamos DEUS e que sabe de tudo, teria as respostas para a justiça que não sabemos viver, para a partilha do pão que não queremos fazer, para a ganância da qual não queremos abrir mão, para o lucro que não queremos diminuir, para a paz que não queremos viver?

"Caminheiros não há caminhos". Quem o constata é porque vive a falta de caminhos, mas caminhos para onde? Caminhos que levam onde?

Ah! Sim, caminhos para Deus, caminhos de Deus, caminhos com Deus. São esses os que temos que buscar segundo o título de minha crônica! Mas, como seriam eles hoje? Quem os está buscando?

Há os convencidos de que os caminhos de Deus estão aí, diante de nós, à nossa frente: caminhos da Bíblia, caminhos das igrejas, caminhos das direitas, das esquerdas, dos centros, dos pregadores, dos doutores, dos bispos.

Há os éticos da opção pelos pobres que continuam a afirmar que Deus está no meio dos pobres e que optou pelos pobres.

Há os políticos que estão convencidos que Deus entregou seus segredos à esquerda, a democrática, única capaz de emitir

sinais de seu Reinado.

Há os universalistas que crêem que Deus está em toda parte e, manifesta-se nos pequenos e humildes gestos de amor.

Há os legalistas que estão convencidos que Deus é um justo juiz com o código de direito sempre à mão para julgar os vivos e os mortos.

Há os espiritualistas convencidos de que os caminhos de Deus nada têm a ver com este mundo, sobretudo com economia e política. Há os que cantam as glórias divinas e seu poder supremo como forma



Foto: Apórea.org

de esquecer as inglórias humanas e a falta de poder para imaginar algo novo.

Todos parecem crer nos caminhos de seu Deus, mas desconhecem os caminhos para encontrar sua própria humanidade!

Sua humanidade, seu verdadeiro

deus, rejeitado, cuspidor,
desacreditado, crucificado,
desprezado, amordaçado!

Sua humanidade, seu deus
abafado, sepultado, esquecido,
trocado por outros deuses de
aparência mais forte.

Sua humanidade, seu deus faminto
de pão, de terra, de casa e de ternura.

Sua humanidade, seu deus
feminino, masculino; seu deus ar,
terra, água, floresta agora
queimada, poluída, destruída.

Sua humanidade seu deus, sem
valor, sem andar, sem louvor.

Humanidade deus ou Deus sem
humanidade!

Há que esquecer estas divindades
frágeis, passageiras e mortais. Há
que crer no Deus Pai todo
poderoso, Senhor do céu e da
terra, das coisas visíveis e
invisíveis, dos exércitos e das
potestades, dos vivos e dos mortos,
dos ricos e dos pobres, dos
príncipes e dos miseráveis. Deus
para todos e para ninguém.

Há que crer em sua capacidade
infinita de saber e de poder. Há que
crer em seus insondáveis desígnios
e em sua vontade poderosa e
eficaz. Há que crer em seu amor
infinito e em sua paternidade
ilimitada!

**Teóloga.*

(Artigo escrito especialmente para distribuição entre os delegados da IX Assembléia Geral do Conselho Mundial de Igrejas, outubro 2005).

Publicado na Revista Tempo e Presença Digital, de Koinonia - Presença Ecológica e Serviço. Fonte: ADITAL.

Caminheiros não há caminhos de
Deus, só há os caminhos das
Maria, dos Francisco, das Ana e
dos José. Só há estradas
empoeiradas, asfaltos
esburacados, ladeiras e montanhas
escorregadias e algumas
alamedas arborizadas, alguns
pastos verdes, alguns oásis nos
desertos, alguma água pura
escondida... Só há tremores de
terra, vulcões em irrupção e alguns
por de sol cheios de beleza e
nostalgia... Só há ervas e
pedregulhos e algumas flores
nascidas ao acaso dos caminhos.
Tudo na vida cotidiana, tudo da
vida cotidiana. Tudo ordinário no
extraordinário da vida. E é também
nela que o sorriso acontece, a
amizade irrompe, o beijo se dá, a
boca come, a lágrima cessa, a
esperança se nutre, a poesia se
faz. É nela que um campo é
semeado, que uma mulher
engravidada, que um velho se lembra
do caminho percorrido, que o
abraço esperado enfim acontece,
que o mistério é ternamente
vislumbrado. Não seria isso tudo
apenas o caminho humano, o
misterioso caminho humano? Não
seria esta a misturada beleza de
nossa finitude? Então, não seria
melhor deixar estes caminhos
apenas como caminhos do humano
e deixar Deus em paz com seu
misterioso caminho? Não seria
melhor que o Mistério de muitos
nomes, a força que tudo atravessa
e sustenta fosse apenas MISTÉRIO?



"Consumo, logo existo"

Frei Betto*

Ao visitar a admirável obra
social de Carlinhos Brown, no
Candeal, em Salvador, ouvi-o
contar que na infância, vivida ali
na pobreza, ele não conheceu a
fome. Havia sempre um pouco
de farinha, feijão, frutas e
hortaliças. "Quem trouxe a fome
foi a geladeira", disse.

O eletrodoméstico impôs à
família a necessidade do
supérfluo: refrigerantes,
sorvetes etc. A economia de
mercado, centrada no lucro e
não nos direitos da população,
nos submete ao consumo de
símbolos. O valor simbólico da
mercadoria figura acima de sua
utilidade.

Assim, a fome a que se refere
Carlinhos Brown é
inelutavelmente insaciável. É
próprio do humano e nisso
também nos diferenciamos dos
animais manipular o alimento
que ingere. A refeição exige
preparo, criatividade, e a
cozinha é laboratório culinário,
como a mesa é missa, no
sentido litúrgico. A ingestão de
alimentos por um gato ou
cachorro é um atavismo
desprovido de arte. Entre
humanos, comer exige um
mínimo de cerimônia: sentar à
mesa coberta pela toalha, usar
talheres, apresentar os pratos
com esmero e, sobretudo,
desfrutar da companhia de
outros comensais. Trata-se de
um ritual que possui rubricas

*Uma celebridade é alguém que trabalha duro muito tempo para se tornar conhecida e depois
passa a usar óculos escuros para não ser reconhecida. (Autor desconhecido).*

indelévels. Parece-me desumano comer de pé ou sozinho, retirando o alimento diretamente da panela.

Marx já havia se dado conta do peso da geladeira. Nos "Manuscritos econômicos e filosóficos" (1844), ele constata que "o valor que cada um possui aos olhos do outro é o valor de seus respectivos bens. Portanto, em si o homem não tem valor para nós."

O capitalismo de tal modo desumaniza que já não somos apenas consumidores, somos também consumidos. As mercadorias que me revestem e os bens simbólicos que me cercam é que determinam meu valor social. Desprovido ou despojado deles, perco o valor, condenado ao mundo ignaro da pobreza e à cultura da exclusão.

Para o povo maori da Nova Zelândia cada coisa, e não apenas as pessoas, tem alma. Em comunidades tradicionais de África também se encontra essa interação matéria-espírito. Ora, se dizem a nós que um aborígene cultua uma árvore ou pedra, um totem ou ave, com certeza faremos um olhar de desdém. Mas quantos de nós não cultuam o próprio carro, um determinado vinho guardado na adega, uma jóia?

Assim como um objeto se associa a seu dono nas comunidades tribais, na sociedade de consumo o mesmo ocorre sob a sofisticada égide da grife. Não se compra um vestido, compra-se um Gaultier; não se adquire um carro, e sim uma Ferrari; não se bebe um vinho, mas um Château Margaux. A roupa pode ser a mais horrorosa possível, porém se traz a assinatura de um famoso estilista a gata borralheira transforma-se em cinderela...

Somos consumidos pelas mercadorias na medida em que essa cultura neoliberal nos faz acreditar que delas emana uma energia que nos cobre como uma bendita unção, a de que pertencemos ao mundo dos eleitos, dos ricos, do poder. Pois a avassaladora indústria do consumismo imprime aos objetos uma aura, um espírito, que nos transfigura quando neles tocamos. E se somos privados desse privilégio, o sentimento de exclusão causa frustração, depressão, infelicidade.

Não importa que a pessoa seja imbecil. Revestida de objetos cobiçados, é alçada ao altar dos incensados pela inveja alheia. Ela se torna também objeto, confundida com seus

apetrechos e tudo mais que carrega nela mas não é ela: bens, cifrões, cargos etc. Comércio deriva de "com mercê", com troca.

Hoje as relações de consumo são desprovidas de troca, impessoais, não mais mediatizadas pelas pessoas. Outrora, a quitanda, o boteco, a mercearia, criavam vínculos entre o vendedor e o comprador, e também constituíam o espaço das relações de vizinhança, como ainda ocorre na feira. Agora o supermercado suprime a presença humana. Lá está a gôndola abarrotada de produtos sedutoramente embalados. Ali, a frustração da falta de convívio é compensada pelo consumo supérfluo. "Nada poderia ser maior que a sedução" diz Jean Baudrillard "nem mesmo a ordem que a destrói." E a sedução ganha seu supremo canal na compra pela internet. Sem sair da cadeira o

consumidor faz chegar à sua casa todos os produtos que deseja.

Vou com frequência a livrarias de shoppings. Ao passar diante das lojas e contemplar os veneráveis objetos de consumo, vendedores se acercam indagando se necessito algo. "Não, obrigado. Estou apenas fazendo um passeio socrático", respondo. Olham-me intrigados. Então explico: Sócrates era um filósofo grego que viveu séculos antes de Cristo. Também gostava de passear pelas ruas comerciais de Atenas. E, assediado por vendedores como vocês, respondia: "Estou apenas observando quanta coisa existe de que não preciso para ser feliz."

Frei Betto é escritor, autor de "Típicos tipos perfis literários" (A Girafa), entre outros livros.

De Rubem Alves*:

- Da minha janela vejo o pátio de um colégio e quando a campainha toca para o intervalo das aulas eu paro de trabalhar e fico olhando, como se estivesse no recreio também.

- O importante é não deixar nunca que o menino morra completamente dentro da gente. Caso contrário, ficamos velhos mais depressa. Dizem que é por isso que os chineses, de incontestável sabedoria, conservam o hábito de soltar papagaio (ou pipa, se preferirem) mesmo depois de adultos. Não sei se é verdade, nunca fui chinês...

*Poeta, escritor, psicanalista.

Câncer de próstata aparece sem dar sinais e exige atenção

A fim de conscientizar os homens que beiram os 50 anos a fazerem exames para descobrir possíveis anormalidades na próstata (glândula localizada perto da bexiga e que envolve a uretra), a Sociedade Brasileira de Urologia (SBU) divulga orientações.

Ocupando a terceira posição entre os tipos de câncer que mais matam a população masculina, o câncer de próstata aparece sem dar sinais. "Por ser uma doença que não apresenta sintomas, a recomendação é que homens com mais de 45 anos façam os exames de rotina anualmente", alerta o urologista e diretor da SBU, André Cavalcanti.

Mas o especialista faz uma ressalva para homens que já tenham esse tipo de doença no histórico familiar e também para os negros. "Por causa do fator genético, os negros têm chances de desenvolver a doença em um grau mais avançado", explica. Para os que se encaixam nestes dois últimos perfis, os exames anuais devem ser feitos a partir dos 40 anos.

Apesar de não existirem métodos preventivos, quanto antes o diagnóstico for feito, mais chance de cura tem o paciente e menos

agressivos são os tratamentos. Os exames de rotina são o exame digital da próstata (mais conhecido como toque retal) associado à dosagem de uma proteína chamada PSA.

No primeiro, o médico consegue apalpar a próstata através do reto e verificar eventuais alterações no tamanho e consistência da glândula. Já a dosagem é feita a partir de um exame de sangue: se a taxa da proteína estiver elevada, é mais um indício da presença do tumor.

Porém, a elevação da quantidade de PSA pode ter causa benigna. Sendo assim, a constatação do câncer não pode ser feita apenas com o exame de sangue. "Caso sejam notadas quaisquer alterações nestas duas análises, o paciente deve se submeter à biópsia de próstata", afirma o urologista.

Como tratar?

Os tipos de tratamento variam de acordo com o grau do câncer e com a idade do paciente. Segundo André, "casos em que o câncer ainda não se espalhou por outros órgãos, e que a expectativa de vida do homem é de mais de 10 anos, recorre-se à prostatectomia radical".

A cirurgia consiste na retirada total da próstata e dos tecidos linfáticos que a envolvem. Isso acarreta em disfunção erétil e incontinência

urinária. A radioterapia também é recomendada nestes casos, mas tem eficácia comparada à cirurgia.

Quando a doença já está mais avançada, o especialista normalmente lança mão de hormônios que bloqueiem as elevações dos níveis de testosterona, faz a cirurgia para retirada dos tecidos que circundam a próstata e apela aos medicamentos.

Outras doenças da próstata Apesar de só o câncer ser considerado maligno, algumas outras doenças que atingem a próstata também causam transtornos ao paciente, diminuindo sua qualidade de vida ou mesmo levando à morte, se não forem tratadas devidamente.

A prostatite aguda é um dos casos que pode levar à morte. Ao apresentar esse quadro infeccioso, "o homem pode entrar em estado febril, ter retenção urinária, sentir dores na região do períneo e ao urinar", explica o especialista da SBU. Para solucionar o problema, o paciente precisa ser internado para esvaziar a bexiga com um método de pulsão pela pele. "Isso evita que um cateter passe pela uretra, inflamando-a ainda mais", diz o urologista. Além do esvaziamento da bexiga, o médico

receita alguns antibióticos para acabar com a inflamação.

Outro tipo de prostatite é a crônica. Caracterizada por um quadro mais prolongado da doença (exigindo que o tratamento também seja), os sintomas da prostatite crônica são mais suaves, como desconforto no períneo, testículos e na região lombar. Nestes casos, a internação é dispensável, sendo necessário apenas o uso de medicamentos.

Quando a próstata aumenta de tamanho e passa a comprimir a bexiga, o homem sofre de hiperplasia. Os principais sintomas são dificuldade em urinar, com aumento da frequência e, muitas vezes, com urgência miccional. "Em todos os casos, o exame prostático não só desvenda o problema como também indica o tratamento ideal, já que consegue verificar o grau da doença", afirma o urologista.

Geralmente, a hiperplasia é tratada com inibidores hormonais que relaxam a próstata ou diminuem seu tamanho. Outros medicamentos também são indicados para diminuir as dores. Caso os tratamentos medicamentosos não funcionem, o especialista recorre à cirurgia, em que a parte aumentada da próstata é retirada.

"A polícia prendendo bicheiros? Assim não é possível. Respeitemos ao menos as instituições!" (Stanislaw Ponte Preta, ou Sérgio Porto, humorista).

Um discurso feito pelo embaixador Guaicaípuro Cuatemoc, de descendência indígena, defendendo o pagamento da dívida externa do seu país, o México, embasbacou os principais chefes de Estado da Comunidade Européia.

A conferência dos chefes de Estado da União Européia, Mercosul e Caribe, em maio de 2002, em Madri, viveu um momento revelador e surpreendente: os chefes de Estado europeus ouviram perplexos e calados um discurso irônico, cáustico e de exatidão histórica que lhes fez Guaicaípuro Cuatemoc.

Um acerto de contas

DISCURSO DO EMBAIXADOR MEXICANO

"Aqui estou eu, descendente dos que povoaram a América há 40 mil anos, para encontrar os que a "descobriram" só há 500 anos. O irmão europeu da aduana me pediu um papel escrito, um visto, para poder descobrir os que me descobriram. O irmão financista europeu me pede o pagamento - ao meu país - com juros, de uma dívida contraída por Judas, a quem nunca autorizei que me vendesse. Outro irmão europeu me explica que toda dívida se paga com juros, mesmo que para isso sejam vendidos seres humanos e países inteiros sem pedir-lhes consentimento. Eu também posso reclamar pagamento e juros. Consta no "Arquivo da Cia. das Índias Ocidentais" que, somente

entre os anos 1503 e 1660, chegaram a São Lucas de Barrameda 185 mil quilos de ouro e 16 milhões de quilos de prata provenientes da América. Teria sido isso um saque? Não acredito, porque seria pensar que os irmãos cristãos faltaram ao sétimo mandamento! Teria sido espoliação?

Guarda-me Tanatzin de me convencer que os europeus, como Caim, matam e negam o sangue do irmão. Teria sido genocídio? Isso seria dar crédito aos caluniadores, como Bartolomeu de Las Casas ou Arturo Uslar Pietri, que afirmam que a arrancada do capitalismo e a atual civilização européia se devem à inundação de metais



preciosos tirados das Américas. Não, esses 185 mil quilos de ouro e 16 milhões de quilos de prata foram o primeiro de tantos empréstimos amigáveis da América destinados ao desenvolvimento da Europa. O contrário disso seria presumir a existência de crimes de guerra, o que daria direito a exigir não apenas a devolução, mas indenização por perdas e danos. Prefiro pensar na hipótese menos ofensiva.

Tão fabulosa exportação de capitais não foi mais do que o início de um plano "MARSHALL MONTEZUMA", para garantir a reconstrução da Europa arruinada por suas deploráveis guerras contra os muçulmanos, criadores da álgebra, da poligamia, e de

outras conquistas da civilização. Para celebrar o quinto centenário desse empréstimo, podemos perguntar: Os irmãos europeus fizeram uso racional responsável ou pelo menos produtivo desses fundos? Não.

No aspecto estratégico, dilapidaram nas batalhas de Lepanto, em navios invencíveis, em terceiros reichs e várias formas de extermínio mútuo. No aspecto financeiro, foram incapazes, depois de uma moratória de 500 anos, tanto de amortizar o capital e seus juros quanto independerem das rendas líquidas, das matérias-primas e da energia barata que eles exporta e provê todo o Terceiro Mundo. Este quadro corrobora a afirmação de Milton

IFriedman, segundo a qual uma economia subsidiada jamais pode funcionar e nos obriga a reclamar-lhes, para seu próprio bem, o pagamento do capital e dos juros que, tão generosamente, temos demorado todos estes séculos em cobrar. Ao dizer isto, esclarecemos que não nos rebaixaremos a cobrar de nossos irmãos europeus, as mesmas vis e sanguinárias taxas de 20% e até 30% de juros ao ano que os irmãos europeus cobram dos povos do Terceiro Mundo.

Nos limitaremos a exigir a devolução dos metais preciosos, acrescida de um módico juro de 10%, acumulado apenas durante os últimos 300 anos, com 200 anos de graça. Sobre esta base e aplicando a fórmula europeia de juros compostos, informamos aos descobridores que eles nos devem 185 mil quilos de ouro e 16 milhões de quilos de prata, ambas as cifras elevadas à potência de 300, isso quer dizer um número para cuja expressão total será necessário expandir o planeta Terra. Muito peso em ouro e prata... quanto pesariam se calculados em sangue?

Admitir que a Europa, em meio milênio, não conseguiu gerar

riquezas suficientes para esses módicos juros, seria como admitir seu absoluto fracasso financeiro e a demência e irracionalidade dos conceitos capitalistas. Tais questões metafísicas, desde já, não inquietam a nós, índios da América. Porém, exigimos assinatura de uma carta de intenções que enquadre os povos devedores do Velho Continente e que os obriguem a cumpri-la, sob pena de uma privatização ou conversão da Europa, de forma que lhes permitam entregar suas terras, como primeira prestação de dívida histórica..."

Quando terminou seu discurso diante dos chefes de Estado da Comunidade Européia, o Cacique Guaicaipuro Guatemoc não sabia que estava expondo uma tese de Direito Internacional para determinar a Verdadeira Dívida Externa. Agora resta que algum Governo Latino-Americano tenha a dignidade e a coragem suficiente para impor seus direitos perante os Tribunais Internacionais. Os europeus teriam que pagar por toda a espoliação que aplicaram aos povos que aqui habitavam, com juros civilizados.

(Publicado no Jornal do Comércio, Recife, PE)



Sorria !

... faz bem.

1ª. Um sorriso é um convite à aproximação: uma pessoa sorridente é uma pessoa de bom astral, que é gostosa de estar junto. Portanto, nada melhor para conquistar alguém do que um lindo (e sincero) sorriso no rosto.

2ª. Ter um ataque de riso é uma massagem perfeita: mexe com os músculos da barriga e com todos os órgãos internos do corpo. Com isso, o sangue e o oxigênio chegam mais rápido aos tecidos, alimentando-os. Depois de dar boas gargalhadas, a pessoa fica relaxada por dentro.

3ª. Rir também é exercício: é o que pensam os pesquisadores da Universidade de Stanford, EUA. Segundo suas pesquisas, Rir 100 vezes ao dia equivale a 10 minutos remando. Uma tarde de gargalhadas frenéticas pode ser um bom substituto para 400 metros de natação ou 20 minutos de corrida. Neste tipo de pesquisa - bem-humorada - o melhor é acreditar.

4ª. Ao contrário do que se diz, sorrir não dá rugas: embora quando a gente sorria apareçam aqueles pés-de-galinha no cantinho dos olhos, logo depois ocorre uma

distensão dos músculos faciais - funciona como uma boa massagem facial. A pele descansa e fica mais bonita.

5ª. O riso ajuda a esfriar a cabeça (literalmente): é simples, segundo um estudo da Universidade de Michigan (os americanos vivem pesquisando), quando as bochechas se contraem para sorrir, o sangue que corre pelo cérebro se esfria. Esse sangue fresquinho passando pela nossa cabeça é o responsável pela sensação de bem-estar.

6ª. Alegria é sinônimo de confiança: saber rir dos nossos problemas ajuda a solucioná-los. "Estou sempre alegre - isso é a maneira de resolver os problemas da vida. Tenho a impressão que os homens estão perdendo o dom de rir" (Charlie Chaplin)

7ª. Rir é o melhor remédio para tensão e dor de cabeça: quando a gente ri nosso cérebro produz endorfina - uma substância química natural que alivia a dor.

8ª. Quem ri à toa não fica doente tão fácil: pesquisadores americanos descobriram que pessoas risonhas têm mais anticorpos que as choronas. Eles analisaram dois grupos de estudantes, enquanto assistiam a um filme. O primeiro grupo, que assistiu a uma comédia, ficou com uma concentração muito maior de anticorpos IgA do que o segundo grupo, que assistiu a um filme sem humor. Ou seja, o primeiro estava mais protegido contra infecções e germes.

9ª. O sorriso é uma arma para derrubar a antipatia de outras pessoas e quebrar barreiras: Sorrindo você vai ser mais bem recebido numa festa, por exemplo, e a festa vai acabar sendo melhor para você. Só não vale o sorriso falso, pois esse, todo mundo percebe e acaba ficando pior para você.

10ª. Não precisa ter medo de abusar de seu sorriso: ele não gasta! É um círculo vicioso - quanto mais você sorri, mais razões vai ter para continuar sorrindo e mais gente vai sorrir de volta para você.

Por detrás dos deuses

Jung Mo Sung *

A visita do papa Bento XVI à Turquia trouxe à cena, de novo, a tese (na verdade uma hipótese) de que por detrás de nomes diferentes, como Alá e o Deus de Jesus, todos nós adoramos e veneramos a um único e mesmo Deus; e que só o reconhecimento desse fato pode nos trazer a paz entre as religiões e civilizações. Sem negar frontalmente essa tese, eu quero levantar aqui algumas reflexões que podem parecer, à primeira vista, polêmicas e "divisionistas".

Se é verdade que por detrás de nomes diferentes que nomeiam a Deus, ou deuses, nós adoramos a um único e mesmo Deus; deve ser também verdade que por detrás de diversas imagens de Deus dos cristãos adoramos e veneramos ao mesmo e o único Deus. Entretanto, eu tenho muita dificuldade para aceitar e acreditar que por detrás do nome do Deus de Jesus Cristo invocado para legitimar os massacres contra os indígenas na América Latina ou para legitimar torturas nas ditaduras

militares esteja o mesmo Deus invocado pelas vítimas ou cristãos que morreram lutando contra os massacres ou torturas. Pois, se assim fosse, não haveria o problema das falsas imagens de deuses e nem o da idolatria. Todas as imagens de Deus de Jesus invocadas - sejam para matar os inocentes (imagem sacrificial de Deus), sejam para defender as vítimas (Deus que pede misericórdia, ao invés de sacrifício; Mt 9,13) - remeteriam a um único e verdadeiro Deus. E, portanto, não haveria uma diferença qualitativa entre elas. O que é logicamente um absurdo e teologicamente um erro.

Se nem os cristãos, quando usam o nome do Deus de Jesus, estão se referindo ao um único e mesmo Deus, como podemos dizer que por detrás de diversos nomes divinos de diversas religiões está um único e o mesmo Deus? Com esse questionamento eu não estou defendendo a idéia de que existem realmente diversos Deuses - e que assim o politeísmo estaria certo e o monoteísmo errado -, muito

menos a tese de que o cristianismo é a única religião que conhece, adora e anuncia o único Deus verdadeiro. O que eu quero apontar é que as "coisas" são muito mais complexas do que essa equação que, aparentemente, simplifica e facilita o diálogo religioso e a construção de paz no mundo.

Hoje, as guerras no Oriente Médio são feitas ou legitimadas, em boa medida, em nome da vontade divina. Só que por detrás de "deus de Bush" ou do "deus do Al-Qaeda" não está o único e o mesmo Deus. Os defensores da "guerra santa" - dos mundos cristão, judaico ou islâmico - o fazem em nome das imagens de deus que eles veneram. Só que a imagem de deus não é Deus! Quem mata em nome da imagem de deus confunde a imagem com o próprio Deus e comete, segundo a tradição bíblica, o pecado da idolatria. O problema é que nós não podemos conhecer a Deus como ele é, somente as imagens que fazemos dele.

Se afirmamos que por detrás das nossas imagens de deus está o único e mesmo Deus, corremos o risco de pensarmos que podemos conhecer o "Deus em si" (Aquele que estaria por trás das imagens) e assim confundirmos a

imagem com Deus. E quando caímos na idolatria, nos tornamos intolerantes com os que pensam diferente e vivem as suas experiências religiosas de modo diferente.

O que podemos fazer para construir a paz é, em primeiro lugar, reconhecer a diversidade insuperável das religiões e dialogar sobre os problemas comuns aos diversos grupos religiosos e ao mundo como um todo em busca de consensos mínimos necessários para a paz e vida digna em comum. E um consenso mínimo que poderíamos buscar no diálogo inter-religioso é que nenhum conhecimento humano pode conhecer "Deus como é", para além das nossas imagens e religiões, e que, portanto, nenhuma guerra pode ser justificada em nome de nenhum deus. Um outro consenso poderia ser o de manter o diálogo e de aceitar críticas mútuas para que nenhuma religião possa realizar a sua tentação de se ver com absoluta, como a "encarnação" da verdade e da vontade de Deus no mundo.

* Professor de pós-graduação em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo e autor de *Sementes de esperança: a fé em um mundo em crise*. Publicado por ADITAL.

Fatos e razões

"Lincha, lincha!"

Uma passeata ruidosa berra este coro na principal avenida da cidade. A barbaridade do crime e a cobertura sensacionalista da mídia incentivam a turba à vingança pelas próprias mãos. A casa da família do menino carrasco foi apedrejada na véspera. Se os criminosos fossem expostos à fúria da massa excitada, seriam linchados e a multidão vibraria com a catarse sangrenta. Voltaria para casa aliviada, com a certeza de que *fez-se justiça*. Explicável mas assustador esse quadro de descontrole passionai coletivo. É nesse clima de forte e justa comoção que o Congresso Nacional pretende votar apressadamente novas leis punitivas, algumas aparentemente razoáveis, outras questionáveis e preocupantes, para dar resposta imediata ao clamor público.

A mídia que gerou a tensão deveria engrenar uma contra-marcha para motivar a população a aceitar o ritmo certo da geração de novas leis. O aqodamento nesse processo costuma produzir monstregos jurídicos que produzem efeitos

contrários às intenções. Ou não produzem nada.

Por outro lado, a exagerada lentidão na tramitação de importantes projetos de lei é uma vergonha. Muitos desses mesmos projetos que agora se pretende colocar em votação apressada e imprudente, dormem nos escaninhos das duas casas do Congresso há anos, enquanto os parlamentares parlamentam mais do que legislam, trabalhando três dias por semana para garantir seus 15 salários por ano. Por sua passividade e lerdeza, deixam ao Executivo a iniciativa de legislar por Medidas Provisórias, restando ao Legislativo o poder subsidiário de emendar e aprovar o que já vigora desde editado, sujeitando-se ainda ao poder de veto do presidente às emendas que ousou propor. Por isso, convém o Congresso Nacional avançar com prudência mas sem preguiça na discussão da maioria penal, das limitações à progressão das penas e demais medidas que a população reclama em situação de surto emocional, justificável diante da barbárie instalada nas cidades. A morte violenta do menino de seis anos tornou-se

símbolo da insanidade que gera a violência urbana e a terrível ânsia coletiva de fazer justiça pelas próprias mãos.

"Teu gato subiu no telhado"

Todos conhecem a velha anedota do moço imigrante que, chocado, recebeu de sua terra a dura notícia: "Teu gato morreu". Ficou indignado com a falta de tato do amigo. Reclamou: "Deviás ter-me dito que meu gato subiu no telhado. Dias depois me dirias que meu gato caiu do telhado e só mais tarde me darias a notícia fatal. "Tempos depois recebe o telegrama: "Tua mãe subiu no telhado"...

Pois Bush fez o mesmo. Repete a experiência anterior. Anunciou: "O Irã está fornecendo armas aos insurgentes iraquianos". ("Insurgentes" ou "rebeldes" são os cidadãos do país invadido que insistem em mandar embora os invasores). Dias depois mandará Condoleezza ao Senado apresentar fotos aéreas de *comboios de caminhões transportando armamentos*

Época de eleição, numa cidadezinha do interior.

Um dia, cabos eleitorais de um dos candidatos; um coronel muito conhecido, escreveram nos muros da cidade: "Vote no coronel Juvêncio". No dia seguinte, a oposição acrescentou a palavra não aos dizeres: "Não vote no coronel Juvêncio". Imediatamente, a turma do coronel voltou e completou: "... para ver o que acontece".

(Collin Powell pediu as contas depois do vexame anterior). Desenhos mostrarão como são os interiores dos veículos e fotos de armas de fabricação iraniana *apreendidas* em mãos de iraquianos que insistem no "go home, boys!" Finalmente anunciará o bombardeio da indústria bélica e nuclear iraniana e o envio de porta-aviões, escoltados por navios carregados de marines. Justificará a ação bélica *demonstrando* que armas daquele país estão matando soldados americanos. Os cidadãos americanos terão sido preparados aos poucos para aceitar a notícia fatal. Começará sua nova "guerra preventiva", se o partido democrata não tiver garra suficiente para conter o ímpeto do menos preparado presidente de sua história, movido pelos que lucram com mortes e destruição de países e ainda mais com a sua reconstrução posterior, contratada sem licitação com os amigos íntimos do rei.

Opinião Pública

A melhor parceira

Redação

A opinião pública, esse ente intangível e contraditório, é pesquisada de mil maneiras para o lançamento de um produto, para previsão dos resultados de eleições ou para qualquer bobagem que possa produzir números e percentagens para as páginas da mídia. E lucros gordos para alguns senhores mais espertos.

Periodicamente, sua excelência a opinião pública é mobilizada para decidir a cada semana quem vai para o paredão do Big Brother Brazil a monstruosidade mais idiota, deseducativa e lucrativa jamais produzida pela TV. Produto importado, explorado em muitos outros países que também contam com espectadores ingênuos com vocação incubada de *voyeurs*. São pessoas hipnotizadas pela propaganda, olhando pelo buraco da fechadura televisiva os comportamentos artificiais e ensaiados de alguns personagens inexpressivos, disputando avidamente sua oportunidade de ganhar o seu primeiro milhão.

A emissora anuncia que recebe, em uma noite, quase 30 milhões de votos de espectadores convencidos a exercer o seu sagrado direito cívico de escolher quem vai para o paredão... pagando 30 centavos por cada voto telefônico.

Se o número anunciado é verdadeiro, a arrecadação da emissora pode chegar a 9 milhões de reais numa noite, em uma só votação pelo telefone 0300. Multiplique-se pelo número de semanas do programa, informação essa que nos escapa por não pertencermos a esse bondoso contingente de gentis colaboradores da prosperidade do Brother. O resultado poderá bater nos 100 milhões.

Certamente uma parte dessa fortuna extorquida da distinta senhora, dona opinião pública, fica com a companhia telefônica. A fatia mais gorda desse dinheiro do povo deve sobrar para a regente global do pobre espetáculo que suja a telinha - tão útil em outros momentos mais nobres e inteligentes da programação da emissora.

Descobre-se, assim, que essa senhora não é tão pobre, embora seu corpo aparentemente saudável seja constituído, em grande parte, de células carentes de proteínas. Ela tem capacidade de sacar do seu cofre virtual, numa única noite, uma fortuna nada desprezível, e doá-la generosamente a uma emissora de TV. É vítima de um perverso e eficiente mecanismo de alienação, parecido com outro bastante difundido e igualmente rendoso, que produziu uma milagrosa prosperidade para o casal de "bispos" da igreja Renascer. Presos...

De outro lado, entretanto, essa mesma dama é capaz de eleger presidentes na contra-mão do que ordenam, de forma diabolicamente orquestrada, a mesma e outras emissoras, jornais e revistas. Ou de derrubar os aumentos indecentes de salários de parlamentares que ela mesma elegeu, simplesmente gritando nas ruas a sua indignação.

Ainda que seja inconstante, ora crítica, ora ingênua, é com essa senhora opinião pública que os governos devem promover pactos e coalizões, conversando

e dando-lhe atenção, ajudando-a a amadurecer, a crescer em auto-estima e se organizar. Por isso, a prioridade política dos investimentos em educação se impõe, para que essa simpática dama não seja mais eleitora de candidatos a paredes pagando para votar... e cresça em consciência crítica, tornando-se, nas ruas e salões, uma parceira ruidosa de governos bem intencionados e bons políticos, na construção de um país menos injusto. Em momentos de impasses gerados pela vocação fisiológica de mercadores de favores e privilégios, na disputa de mercados eleitorais ou na zelosa busca de mais saúde para suas contas bancárias, a voz dessa senhora pode ser decisiva.

Parcerias de outro tipo já se mostraram nada confiáveis, revelaram-se espúrias, fisiológicas e interesseiras, aumentando o consumo de aspirinas por quem as escolheu sem a necessária prudência. Trata-se agora de não repetir a escolha desastrada. A distinta senhora aguarda o convite para a dança, no baile da política destes novos tempos. Para que de fato sejam tempos novos.

"Os filósofos têm um problema para cada solução." (Autor desconhecido)

Educação: finalmente um plano

O governo apresentou o PDE, um plano integrado e abrangente para mudar o cenário constrangedor da educação no país. Descontado o arroubo presidencial de já prever que estaremos próximos da perfeição no curto período de seu mandato e que a educação no Brasil será uma das melhores do mundo, o fato é que haverá uma guinada importante capaz de mudar o quadro atual.

O plano cria o piso salarial de 850 reais para professores com carga de 40 horas. Inclui a criação de escolas técnicas em 150 cidades-polo. O atual programa "Luz para todos", que leva energia elétrica a comunidades rurais de todo o país, vai garantir luz em todas as escolas.



Mil municípios mais pobres vão receber reforço de 1 bilhão de reais em um ano, contra o compromisso de adotar medidas para melhorar a qualidade do ensino. Universidades particulares vão poder usar os títulos do governo, que recebem como pagamento de vagas do PROUNI, para quitar suas dívidas antigas com a União. O financiamento estudantil (FIES) poderá ser pago no dobro do prazo do curso. As dotações para as universidades federais serão aumentadas em 20%, contra plano de aumento de produtividade e ampliação de vagas. Creches e pré-escolas serão construídas ou reformadas, com 800 milhões de reais em 4 anos, financiando cerca de 400 obras por ano. Exames oftalmológicos para alunos da rede pública deverão atender a 44 milhões de pessoas. Todas as 130 mil escolas públicas terão computadores até 2010. BNDES vai financiar prefeituras para compra de ônibus e barcos para transporte escolar. Cerca de 30 outras medidas estão previstas no plano agora anunciado.

A população deverá ser mobilizada para fazer acontecer, vencendo a tentação do ceticismo, monitorando o cumprimento das metas anunciadas, denunciando os obstáculos habituais gerados por vaidades e interesses políticos em jogo.

Humildade x Orgulho

Equipe de Redação do site www.momento.com

Você já deve ter ouvido muitas vezes a palavra humildade, não é mesmo?

Essa palavra é muito usada, mas nem todas as pessoas conseguem entender o seu verdadeiro significado.

O termo humildade vem de húmus, palavra de origem latina que quer dizer terra fértil, rica em nutrientes e preparada para receber a semente.

Assim, uma pessoa humilde está sempre disposta a aprender e deixar brotar no solo fértil da sua alma, a boa semente.

A verdadeira humildade é firme, segura, sóbria, e jamais compartilha com a hipocrisia ou com a pieguice.

A humildade é a mais nobre de todas as virtudes pois somente ela predispõe o seu portador, à sabedoria real.

O contrário de humildade é orgulho, porque o orgulhoso nega tudo o que a humildade defende.

O orgulhoso é soberbo, julga-se superior e esconde-se por trás da falsa humildade ou da tola vaidade.

Alguns exemplos talvez tornem mais claras as nossas reflexões.

Quando, por exemplo, uma pessoa humilde comete um erro, diz: "eu me equivoquei", pois sua intenção é de aprender, de crescer. Mas quando uma pessoa orgulhosa comete um erro, diz: "não foi minha culpa", porque se acha acima de qualquer suspeita.

A pessoa humilde trabalha mais que a orgulhosa e por essa razão tem mais tempo.

Uma pessoa orgulhosa está sempre "muito ocupada" para fazer o que é necessário. A pessoa humilde enfrenta qualquer dificuldade e sempre vence os problemas.

A pessoa orgulhosa dá desculpas, mas não dá conta das suas obrigações e pendências. Uma pessoa humilde se compromete e realiza.

Uma pessoa orgulhosa se acha perfeita. A pessoa humilde diz: "eu sou bom, porém não tão bom como eu gostaria de ser".

A pessoa humilde respeita aqueles que lhe são superiores e trata de aprender algo com todos. A orgulhosa resiste àqueles que lhe são superiores e trata de pôr-lhes defeitos.

O humilde sempre faz algo mais, além da sua obrigação. O orgulhoso não colabora, e sempre diz: "eu faço o meu trabalho".

Uma pessoa humilde diz: "deve haver uma maneira melhor para fazer isto, e eu vou descobrir". A pessoa orgulhosa afirma: "sempre fiz assim e não vou mudar meu estilo".

A pessoa humilde compartilha suas experiências com colegas e amigos, o orgulhoso as guarda para si mesmo, porque teme a concorrência.

A pessoa orgulhosa não aceita críticas, a humilde está sempre disposta a ouvir todas as opiniões e a reter as melhores.

Quem é humilde cresce sempre, quem é orgulhoso fica estagnado, iludido na falsa posição de superioridade.

O orgulhoso se diz céptico, por achar que não pode haver nada no universo que ele desconheça, o humilde reverencia ao criador, todos os dias, porque sabe que há muitas verdades que ainda desconhece.

Uma pessoa humilde defende as idéias que julga nobres, sem se importar de quem elas venham. A pessoa orgulhosa defende sempre suas idéias, não porque acredite nelas, mas porque são suas.

Enfim, como se pode perceber, o orgulho é grilhão que impede a evolução das criaturas, a humildade é chave que abre as portas da perfeição.

- *O que podemos acrescentar a esta maneira de entender a humildade e o orgulho?*
- *Como são as pessoas humildes que conhecemos? E outras, as orgulhosas?*
- *Quais nos cativam, quais nos aborrecem?*

Golpes telefônicos. Desligue depressa.

Multiplicam-se e se diversificam os golpes por telefone. Não responda, não forneça informações de qualquer natureza, não acredite em prêmios e ofertas, não acredite em ameaças, desligue depressa, sem dizer nada.

DICIONÁRIO MINEIRÊS/PORTUGUÊS

*Procêis qui mora nuistadiminas e procêis qui vencá asveiz.
Procês intende mió o minero, uai!*

PRESTENÇÃO - é quano eu tô falano iocê num tá ovino.

CADIQUE? - assim, tentanu intendê o motivo.

CADIM - é quano eu num quero muito, só um poquim.

DEU - omez qui 'di mim'. Ex.: Larga deu, sô!!

SÔ - fim de qualquer frase. Qué exêmpo tamém? : Cuidaí, sô!!!

DÓ - omez qui 'pena', 'cumpaxão' : 'ai qui dó, gentch...!!'

NIMIM - o mez qui ni eu. Exemplo: Nòoo, ce vivi garrado nimim, trem!...

Larga deu, sô!!...

NÓOO - Num tem nada a vê cum laço pertado, não! omez qui

'nossa!...' Vem de Nòosinhora!...

PELEJANU - omez qui tentanu: Tô pelejanu quesse diacho né di hoje, qui nó! (agora é nó mez!)

MINERIM - Nativo duistadiminss.

UAI - Uai é uai, sô... uai!

ÉMÊZZZ?! - minerim querêno cunfirmá.

NÉMÊZZZ?! - minerim querêno sabê si ocê concorda.

OIAQUI - Minerim tentano chama atenção pralguma coizz...

PÃO DI QUEJU - Iossçêis sabe!...

Cumida fundamentar qui disputa como tutu a preferência dus minêro.

TUTU - Mistura de farinha di mandioca (o di mio) cum feijão massadim. Bom

dimais da conta, gentch!!..

TREIM - Qué dize qualquer coizz qui um minerim quize! Ex "Já lavei us trem!" Qui trem bão!!

NNN - Gerúndio du minreis. Ex: 'Eles tão brincannn', 'Ce ta innn, eu to

vinnn...'

BELZONTCH - Capitár dustado.

PÓ PÔ - umez qui pó colocá.

POQUIM - só um poquim, pra num gastá muito.

JISGIF ORA - Cidadi pertin du Ridijanero. Cunfunde a cabeça do minerim que si acha qui é carioca.

DEUSDE - desde. Ex: 'Eu sô magrelin deusde rapazin!'

ISPIIA - nome da revista 'VEJA'

ARREDA - verbu na form imperativ (danu órdis), paricido cum saí.

'Arredaí, sô!'

IM - diminutivo. Ex: lugarzim, piquininim, vistidim, etc.

PINCOMÉ - Pinga com mel.

PONDIÔNS - Ponto de ônibus.

SAPASSADO - Sábado passado.

OIPROCÊVÊ (ou OPCV) - óia procê vê.

PROINOSTOINO? - pronde nós tamo inu?



MOVIMENTO FAMILIAR CRISTÃO

EDITORIA & PUBLICAÇÕES

Atendimento aos assinantes,
assinaturas novas, renovações e números anteriores

Distribuidora Fato e Razão

Rua Barão de Santa Helena, 68 - Grambery - Centro

CEP: 36010-520 - Juiz de Fora - MG

Tel.: (32) 3218-4239

fatoerazao@yahoo.com.br

fatoerazao@gmail.com

Venda de Livros, Revistas e Temários do MFC,
pedidos e encomendas para remessa postal

Livraria do MFC

Rua Barão de Santa Helena, 68 Grambery

CEP 36010-520 Juiz de Fora - MG

Tel.: (32) 3218-4239

livraria.mfc@gmail.com

livrariamfc@yahoo.com.br

Publicações disponíveis na Livraria MFC

Temários de Reuniões

Ponto de Partida

Um passo adiante

Pés na Terra

Fato e Razão

Números anteriores

Livros

Amor e Casamento

O Assunto é Casamento

Descomplicando a Fé

Eis o MFC

Cuidado Frágil

Colaborações e cartas de leitores

Equipe de Redação de Fato e Razão

R. Des. Saul Gusmão 80 - VIII - CEP 22641-280 Rio de Janeiro - RJ

E-mail: amorim@ibpinet.com.br

"Para se fazer uma obra de arte não basta ter talento, não basta ter força, é preciso também amar." (Mozart)